

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

**VEGETAÇÃO, LISTAGEM FLORÍSTICA E ASPECTOS
SOBRE A CONSERVAÇÃO DO MORRO DO OSSO,
PORTO ALEGRE, RS.**

M 42

Rodrigo Schütz Rodrigues

Orientador : Prof. Paulo Brack



Porto Alegre, 1996.

581.9 (043) (816.51)

R696v

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

**VEGETAÇÃO, LISTAGEM FLORÍSTICA E ASPECTOS
SOBRE A CONSERVAÇÃO DO MORRO DO OSSO,
PORTO ALEGRE, RS.**

M.412
R6804

Rodrigo Schütz Rodrigues

Monografia apresentada ao
Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, para a obtenção
do título de Bacharel em
Botânica.

Orientador : Prof. Paulo Brack

Universidade Federal do R. G. S.
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
Departamento de Botânica
BIBLIOTECA

Porto Alegre, 1996.

Universidade Federal do R. G. S.
INSTITUTO DE CIÊNCIAS
Departamento de Filosofia
BIBLIOTECA

**“Mas há quem passe pela floresta e veja só lenha para a
fogueira.”
Leon Tolstoi**

Agradecimentos

Ao professor Paulo Brack, pela amizade e disposição, incentivo e ajuda na orientação deste trabalho.

Ao professor Sérgio Leite pela colaboração e sugestões ao trabalho.

Aos professores e/ou botânicos Mara Ritter, Marcos Sobral, Bruno Irgang, Sílvia Miotto, Néelson Matzembacher, Éverson Neubert, Nelsi Bastos, Cláudio Mondin, João Larocca e Sílvia Marodin pelo incentivo e colaboração na determinação do material coletado.

À bibliotecária Dilma Nascente pela revisão das referências bibliográficas.

À Secretaria Municipal do Meio Ambiente, especialmente à Magda Arioli, José Guilherme Fuentefria, Fábio Mohr e Roberto Meira pelo apoio na pesquisa e pela bolsa concedida ao projeto.

À FAPERGS pelo patrocínio da bolsa de iniciação científica, processo 95/50988.4.

Aos colegas de departamento Daniella Sebold, Ronise Possamai e Marcos Fialho pela colaboração nas saídas de campo e amizade.

Aos colegas da Biologia, à barra 92/1 (multicampeã no JEBA) e especialmente ao amigo Luciano R. Silva (Luck).

À Andréia Flores, leguminóloga que adoro demais.

Aos meus pais, Gilberto e Noeli, minha irmã Janine e meus tios Luís e Eloá, por tudo.

Sumário

Resumo	5
Introdução	6
Descrição do Local	10
Antecedentes para a conservação da área e sua transformação em Parque ..	11
Objetivos	16
Material e Métodos	17
Resultados / Discussão	19
Considerações sobre a flora	19
Descrição das comunidades vegetais	20
Mata higrófila	20
Mata mesófila	24
Mata subxerófila	25
Campos pedregosos	27
Capoeiras e vassourais	28
Considerações sobre a importância da flora e vegetação do Morro do Osso e proposições de uso	30
Atividades impactantes sobre a vegetação	36
Conclusões	40
Continuidade do estudo	41
Referências Bibliográficas	42
Anexo - Listagem florística	46

Resumo

O Morro do Osso (30°07'S, 51°14'W) faz parte do conjunto de 44 morros graníticos existentes nas zonas sul e leste de Porto Alegre. Apresenta aproximadamente 228 ha de área natural e altitude máxima de 143 m. Tendo em vista a criação no local da primeira unidade de conservação em um morro do município, foram realizados estudos de reconhecimento e descrição das principais formações vegetais.

Realizou-se levantamento florístico qualitativo, empregando-se o método de caminhamento. Foi efetuada a coleta de material botânico para identificação e registro, assim como observações sobre a estrutura da vegetação.

Elaborou-se uma listagem florística preliminar, constando cerca de 403 espécies de 90 famílias de fanerógamas. A vegetação arbórea é representada pela floresta estacional semidecidual, com subtipos mata higrófila, mesófila e subxerófila. A vegetação herbácea e arbustiva é formada por campos pedregosos, além de capoeiras e vassourais. Os campos pedregosos são particularmente ricos, contendo nesta região espécies raras como *Moritzia ciliata* e *Schlechtendalia luzulifolia*, entre outras. Destaca-se da mesma forma importância da preservação das áreas de mata higrófila, que apresenta espécies arbóreas com distribuição restrita na cidade a este local ou outros pontos esparsos, como *Colubrina glandulosa* e *Eugenia florida*. Por fim são apontados os principais problemas que afligem a vegetação do morro, assim como propostas para a utilização da área.

Introdução

Porto Alegre pode ser considerada originalmente como uma cidade privilegiada em sua natureza e biodiversidade florística, sendo em razão de sua posição geográfica um ponto de encontro ou limite de algumas regiões florísticas da América do Sul, além de apresentar aproximadamente 30% das espécies da flora gaúcha (RAMBO, 1954; 1950).

A paisagem de Porto Alegre é constituída por morros graníticos e zonas baixas e inundáveis ao longo do lago Guaíba. Os 44 morros graníticos existentes nas zonas sul e leste do município cidade apresentam contornos arredondados e formações rochosas (matacões) aflorantes, sendo a projeção mais setentrional do Escudo Riograndense (RAMBO, 1954; GÜNTZEL et al., 1994).

Aproximadamente 30% da superfície de 52.000 hectares de Porto Alegre é formada por áreas predominantemente rurais ou naturais, situadas na maior parte dos morros e em porções da orla do Guaíba (MEIRA et al., 1994).

A área compreendida pelos morros totaliza 12.307 hectares, correspondendo a cerca de 1/4 (23, 67%) da superfície do município. Constatase que ainda resta um total de 4.500 hectares de floresta nativa e 4.300 hectares de campos, distribuídos pelos 44 morros (GÜNTZEL et al., 1994), indicando que a capital, apesar do intenso desenvolvimento urbano, ainda apresenta um significativo patrimônio natural.

As comunidades vegetais nestes ambientes apresentam riqueza expressiva, com características próprias variando principalmente quanto ao relevo e profundidade do solo ou ocorrência de matacões graníticos. Apesar disto, Porto Alegre não possui ainda nenhuma Unidade de Conservação que proteja os ecossistemas de morros.

Os estudos botânicos destes morros tiveram muitas vezes um caráter geral, procurando caracterizar de uma maneira ampla a vegetação e flora

ocorrentes. Recentemente tem sido realizados trabalhos em locais mais específicos, detendo-se no estudo de um determinado morro.

SAINT-HILAIRE (1939) durante sua viagem ao Rio Grande do Sul em 1820-21 refere locais de campos em morros graníticos situados em Viamão e menciona algumas espécies encontradas no Morro do Coco, no mesmo município.

LINDMAN (1906) descreve as diferentes formações campestres da capital (campo subarbustivo, campo paleáceo e gramado), além de mencionar alguns tipos de mata ocorrentes nesta região.

RAMBO (1950) indica várias espécies tropicais que penetraram pela chamada "Porta de Torres" e que apresentam seu limite meridional de distribuição próximo a Porto Alegre.

RAMBO (1954) lista 1288 espécies da flora fanerogâmica de Porto Alegre, destacando sua origem fitogeográfica e caracterizando alguns endemismos.

RAMBO (1956) apresenta as onze formas de vegetação que ocorrem nos morros graníticos da Serra do Sudeste, também verificadas em Porto Alegre, salientando algumas espécies que determinam a fisionomia de cada formação.

TEODORO LUÍS (1960) em sua "Flora Analítica de Porto Alegre" apresenta uma relação de 1490 espécies de angiospermas, com chaves de identificação para as mesmas.

SCHULTZ & PORTO (1971) citam 720 espécies de angiospermas e pteridófitas para a região parcialmente embasada em rochas graníticas que se estende de Porto Alegre até Itapuã (Viamão).

BAPTISTA & IRGANG (1972) estudaram uma mata nos limites do Parque Saint-Hilaire (Viamão), encontrando numa área de 200 m² 85 espécies de angiospermas, distribuídas em 36 famílias.

PORTO ALEGRE (1975) propõe importantes diretrizes para a preservação dos ambientes naturais da cidade, além de caracterizações da geologia, fauna e flora da capital.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL (1976) descreve brevemente a vegetação e cita algumas espécies presentes em 5 morros da cidade, apresentando recomendações para a conservação destes e de outros morros na Grande Porto Alegre.

KNOB (1978) realizou um levantamento fitossociológico na mata do Morro do Coco, encontrando ao longo de uma transecção da margem do rio Guaíba até o topo do morro 138 espécies de 69 famílias de angiospermas e pteridófitas.

BACKES (1981) apresenta uma listagem florística da mata do Morro do Coco com 273 espécies pertencentes a 87 famílias de angiospermas e pteridófitas.

BRACK (1985) realizou um trabalho sobre a vegetação do Morro Santana, caracterizando fisionomicamente as comunidades e listando as espécies ocorrentes, além de apontar proposições para a conservação deste local.

POTTER & BACKES (1985) estudaram as orquídeas nativas de quatro morros graníticos da grande Porto Alegre, dentre os quais o Morro do Osso, encontrando 58 espécies, pertencentes a 31 gêneros. Para o Morro do Osso foram referidas 20 espécies.

AGUIAR et al. (1986) realizaram um estudo da flora e fisionomia da vegetação de dez morros graníticos de Porto Alegre e Viamão, sendo listados 867 espécies e subespécies vegetais em 119 famílias de angiospermas e pteridófitas nestes locais.

GÜNTZEL et al. (1994) desenvolveram um importante trabalho sobre os 44 morros da cidade (foi considerado morro a elevação com no mínimo 30 m de altitude), estabelecendo 7 categorias de uso do solo, a saber: floresta nativa, campo, floresta artificial, áreas de agricultura, pedreiras, áreas urbanas e solo descoberto. Desta forma, organizaram uma classificação dos morros quanto ao grau de conservação de formações vegetais nativas e impacto de pedreiras e áreas urbanas, assim como uma listagem enumerando dados como área total, altitude máxima, porcentagem de áreas com declividade acima de 30%, porcentagem de cobertura vegetal nativa, etc.

MONDIN & MOHR (1994) realizaram um levantamento florístico e fitossociológico de estratos herbáceo-arbustivos e arbóreos em uma área do Morro Teresópolis, registrando a ocorrência de 348 espécies pertencentes a 86 famílias de plantas vasculares. Além disso, descrevem a vegetação com base em parâmetros fitossociológicos e/ou florístico-fisionômicos, apresentando também diretrizes para a ocupação do local.

MOHR (1995) realizou o zoneamento da vegetação do Morro Santana através de geoprocessamento e levantamento fitossociológico nos estratos herbáceo e arbóreo, elaborando um mapa temático da vegetação do morro. Foram referidas na amostragem 114 espécies, distribuídas em 16 famílias, para a vegetação herbácea e 49 espécies, em 28 famílias, para o estrato arbóreo.

RODRIGUES et al. (1996) apresentam um levantamento florístico qualitativo preliminar do Morro do Osso, apontando 350 espécies em 77 famílias de fanerógamas, destacando a importância de conservação dos campos pedregosos.

BOLDRINI et al. (1996) empreenderam um estudo fitossociológico da vegetação campestre do Morro da Polícia, identificando 189 espécies pertencentes a 26 famílias e indicando as espécies mais características desta comunidade.

BRACK et al. (não publicado) descrevem os diferentes tipos de comunidades vegetais ocorrentes em Porto Alegre, apresentando um perfil esquemático da vegetação e listagem de espécies arbóreo-arbustivas. São apontadas para o município 169 espécies nativas de árvores, correspondendo a cerca de 1/3 das 515 espécies arbóreas relacionadas por REITZ et. al (1983) para o Rio Grande do Sul.

* Descrição do Local

O Morro do Osso (30° 07'S, 51° 14'W) localiza-se na zona sul do município (Fig. 1) e atinge altitude de 143 m, apresentando aproximadamente 228 hectares de área natural. Dos cerca de 456 hectares de sua área total, aproximadamente a metade já foi ocupada pela urbanização. Apresenta 10% de sua superfície com declividade acima de 30% (GÜNTZEL et al., 1994). A cobertura vegetal dominante no morro é constituída por florestas (114,15 hectares), localizadas em sua maior parte na face sul (Fig. 2 e 6), ocorrendo também manchas importantes em outros trechos. Os campos predominam nas quotas superiores da face norte e nos topos, onde ocorrem belos afloramentos rochosos (Fig 7 e 8), ocupando 68,5 hectares. Na área próxima ao ponto mais elevado do morro, nas cercanias do aglomerado de matações conhecido por "pé-de-Deus", verifica-se o alastramento, até certo ponto amplo, de acácia-negra (*Acacia mearnsii*) sobre áreas de campo ou junto às matas. Áreas com influência antrópica, especialmente pelo lixo, localizadas junto ao "Sétimo Céu", próximo ao reservatório do DMAE e também em outros trechos, apresentam algumas espécies exóticas, que algumas vezes descaracterizam fisionomicamente a vegetação original.

Os limites urbanos principais do morro são ao sul a Av. Coronel Marcos, ao norte a Rua Padre Reus, ao leste a Av. Cavalhada e a oeste a Av. Wenceslau Escobar. É juntamente com a Ponta Grossa o morros mais ocidental da cidade. Constitui-se num importante reduto biológico, praticamente isolado pela crescente urbanização dos bairros Tristeza, Ipanema, Camaquã e Cavalhada, adjacentes ao local.

A origem do nome do Morro do Osso está provavelmente associada com vestígios de um cemitério dos índios Arachane no local (BUENO, 1994).

Geologicamente, a área faz parte do Escudo Cristalino Sul-rio-grandense, que engloba os terrenos mais antigos do Estado, com idade a partir do Pré-Cambriano. Esta antiga cadeia de montanhas da região sul do Estado apresenta

uma forma de um quadrilátero grosseiro, com vértices nas cidades de Viamão a NE, Jaguarão a S, Dom Pedrito a SW e São Sepé a NW (NEVES, 1996,). A borda mais oriental deste conjunto atinge os arredores de Porto Alegre, constituindo cerca de 65% da área do município. O maciço granítico tem orientação preferencial NE-SW, com morros de 147 m de altura média, culminando no Morro Santana, que é a maior elevação da capital, com 311 m (PORTO ALEGRE, 1975; GÜNTZEL et al., 1994). Segundo SCHNEIDER et al. (1974), o Morro do Osso faz parte do Granito Ponta Grossa. Este constitui-se em um conjunto de elevações encontrado na zona sudoeste da cidade, formado por pequenos morros isolados que margeiam o estuário do Guaíba e pelos pontões mais expressivos (como o Morro da Ponta Grossa) da margem esquerda do Guaíba.

De acordo com FERRARO & HASENACK (1995), o clima de Porto Alegre segundo a classificação de Koeppen corresponde ao subtipo Cfa. Caracteriza-se por temperaturas médias compreendidas entre -3°C e 18°C (C) para o mes mais frio e superiores a 22°C para o mes mais quente (a), com precipitação bem distribuída durante o ano e totais superiores a 1200 mm (f). A temperatura média anual de Porto Alegre é de $19,5^{\circ}\text{C}$ e a precipitação média anual chega a cerca de 1.300 mm. *

Antecedentes para a conservação da área e sua transformação em Parque

O Morro do Osso constitui um patrimônio natural que se destaca pela sua biodiversidade, tanto em ambientes de campo como de mata, contemplando ainda áreas de apurada beleza paisagística (Fig. 10) e valor arqueológico.

Como ressalta PORTO ALEGRE (1975):

"em alguns locais [de Porto Alegre] (...) existem ocorrências portentosas de rochas do maciço cristalino que apresentam detalhes esculturais de rara beleza como cavidades, nichos, bordos salientes, ressaltos, bem como formas curiosas de monolitos que resultaram da ação combinada dos agentes desnudatórios". Dever-se-ia impedir a utilização desse patrimônio natural, considerando-se as áreas mais notáveis como de interesse paisagístico, a fim de evitar as agressões ora perpetradas".

O Morro do Osso está incluído na relação dos locais de maior interesse na preservação destes sítios. PORTO ALEGRE (1975) continua, afirmando que

"No caso específico dos topos dos morro do Osso e Camaquã são inúmeros os afloramentos de rochas graníticas frescas de coloração rósea-escura com brilho fosco de granulação grosseira. Estes afloramentos podem ser considerados como raridade, pois de modo geral, as rochas do embasamento acham-se encobertas por um espesso manto de alteração."

Assim, em PORTO ALEGRE (1975) propõe-se elevar o Morro do Osso à categoria de Monumento Natural, ou seja, uma ocorrência fisiográfica de particular interesse histórico ou beleza natural, que seja preservada juntamente com a flora e a fauna que nele ocorrem. Da mesma forma, o Monumento Natural não tem necessariamente limite de área. Embora se destine a preservar uma ocorrência fisiográfica, é evidente que a preservação do conjunto flora-fauna é da maior importância no caso, sobretudo face às finalidades turístico-educativas.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL (1976) recomenda o desincentivo total à maior ocupação habitacional das encostas dos morros graníticos que constituem a periferia da área urbana sul e leste de Porto Alegre, citando entre estes o Morro do Osso. Além disso sugere o uso destes morros como elementos fisiográficos de contenção urbana, levando-se a efeito a preservação da vegetação ainda existente em suas encostas.

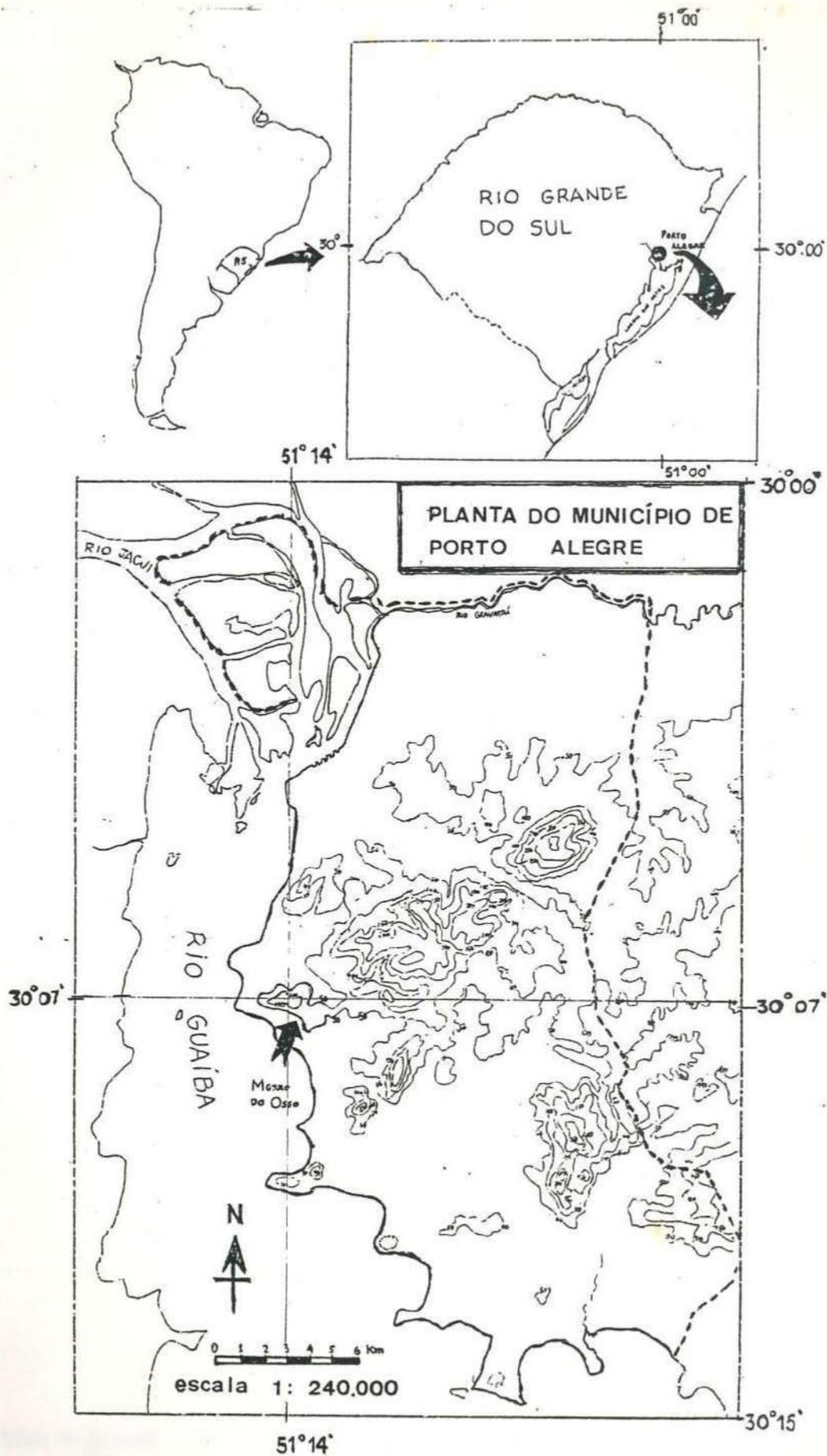


Fig. 1. Localização do Morro do Osso no município de Porto Alegre.

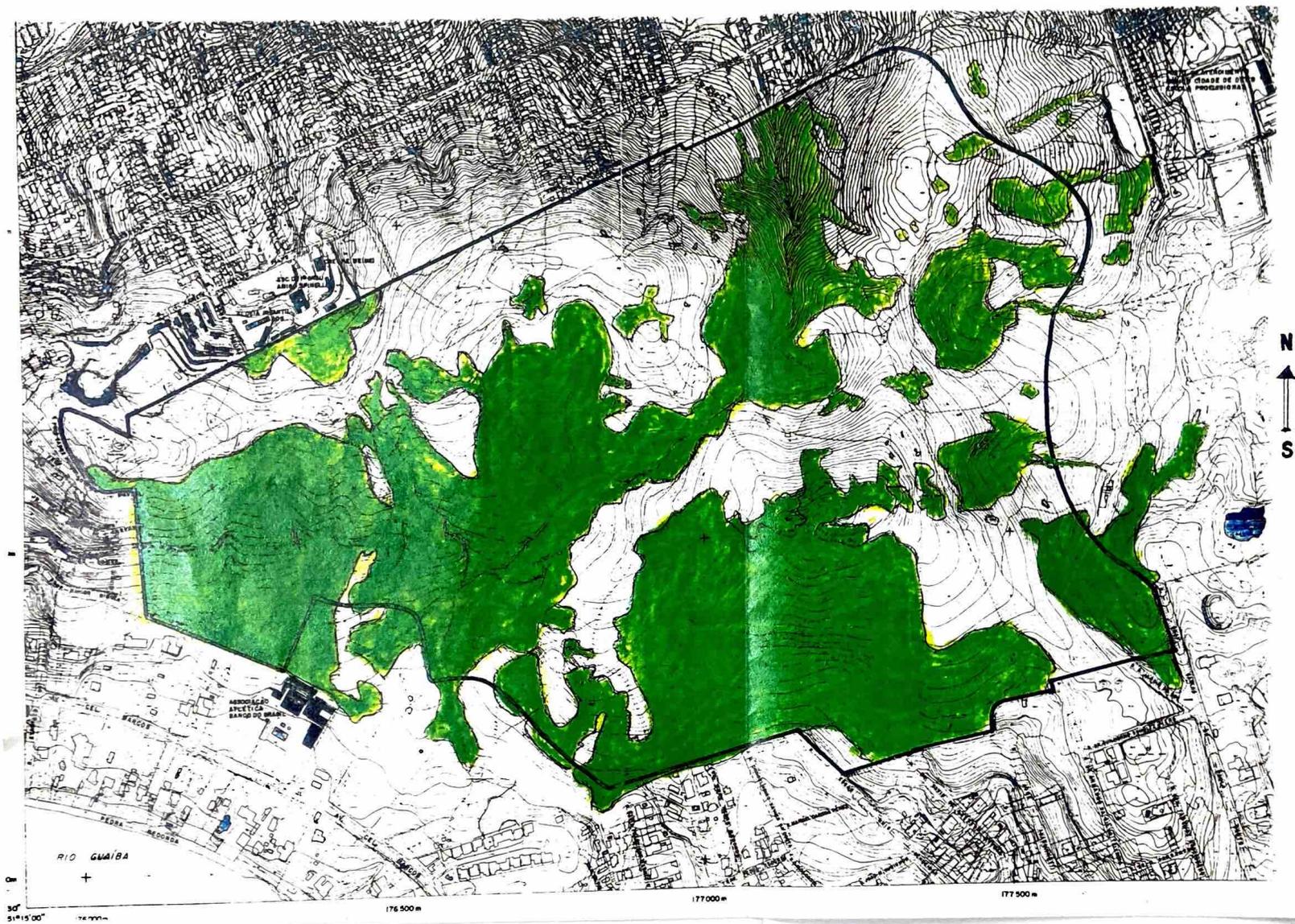


Fig. 2. Mapa da cobertura vegetal do Morro do Osso. Escala 1:6666

Mata



Campo



Limite do Parque (Proposta DPC/SUPPJ-CAN/SUMAM/SMAM)



MEIRA et al. (1994) propõem a criação definitiva de uma Unidade de Conservação no Morro do Osso, que foi na década de 80, talvez a área natural da cidade onde houve maior clamor popular pela preservação e sua transformação em Parque.

IRGANG (1994) aponta em um relatório botânico realizado em uma área no Morro do Osso para a necessidade de conservação de espécies restritas aos campos dos morros graníticos, assim como ressalta a importância de estudos mais detalhados para a definição de áreas de preservação permanentemente restritas ou com visitação orientada.

A Prefeitura Municipal de Porto Alegre pretende criar no local um Parque com área total 115 hectares (FUENTEFRÍA, SMAM/PMPA, comun. pess.), atendendo às reivindicações da comunidade, que há anos luta pela sua conservação (MEIRA et al., 1994). Atualmente a prefeitura já dispõe de uma área aproximada de 27 hectares, obtida através de permuta com a Igreja Católica. Do total de 52 hectares permutados, 24 foram destinados para a instalação pelo Departamento Municipal de Habitação (DEM HAB) para o assentamento junto à Av. Cavalhada da antiga Vila Cai-Cai (Fig. 17), anteriormente localizada na Av. Padre Cacique.

Desta forma, com a efetivação do Parque do Morro do Osso, constituir-se-á a primeira Unidade de Conservação em um morro do município, propiciando o contato e integração da população com uma área natural, juntamente com a proteção de locais de elevada importância ambiental.

Tendo em vista esta proposta, está sendo desenvolvido um estudo botânico que busca fornecer subsídios para a implantação e conservação deste parque. Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo, realizado em convênio entre a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) e o Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que envolve além da área de botânica, estudos de zoologia (répteis, mamíferos e insetos) e ecologia.

Objetivos

Este trabalho tem por objetivo o reconhecimento e descrição das principais formações vegetais com base em suas características florístico-fisionômicas, apresentação de um levantamento florístico preliminar da área, identificação das áreas de maior interesse ambiental levando-se em conta a riqueza florística e o estágio de preservação das comunidades, além de proposições para o zoneamento de uso do local.

Material e Métodos

Foi realizado o levantamento florístico qualitativo das áreas florestais e herbáceo-arbustivas do Morro do Osso. Para tanto, foi empregado fundamentalmente o método de caminhamento, descrito por FILGUEIRAS et al. (1994). Este método consiste basicamente nas seguintes etapas: descrição sumária da vegetação da área a ser amostrada, de acordo com certos parâmetros fornecidos; listagem das espécies encontradas em cada fitofisionomia, à medida em que se caminha em linha reta pela área; por fim, organização e processamento dos dados em forma de tabelas e listas. Neste trabalho as coletas foram realizadas ao longo das trilhas principais ao longo do morro, assim como foram percorridas áreas em que estes caminhos estavam mais distantes.

Nas 26 excursões de campo feitas ao local, foi efetuada a coleta de material botânico para identificação e registro. As coletas foram restritas somente as Magnoliophyta (Angiospermas). Nas áreas de mata, foi dado maior destaque para o estrato arbóreo-arbustivo. Não foi feita uma coleta sistemática de lianas e elementos epifíticos, detendo-se nas espécies que mais se destacaram fisionomicamente. Para complementar em parte esta carência, foi incluída na listagem florística a relação de Orchidaceae encontrada no Morro do Osso por POTTER & BACKES (1985).

A determinação do material foi feita através de literatura especializada como a Flora Ilustrada do Rio Grande do Sul (1955-1993), Flora Ilustrada de Santa Catarina (1965-1989), BURKART (1969-1978), CABRERA (1968-1970) e LOMBARDO (1982-1984), dissertações de mestrado, etc. Além disso, alguns especialistas colaboraram para a identificação em certas famílias. A posição taxonômica das famílias seguiu o sistema de CRONQUIST (1981). A elaboração da listagem florística foi complementada por pesquisas no Herbário ICN (UFRGS) e por citações encontradas na literatura para a área.

As observações sobre a estrutura da vegetação foram feitas com base em suas características florístico-fisionômicas, não tendo sido realizados estudos ou coleta de parâmetros fitossociológicos nas áreas de mata ou campo.

As informações obtidas estão sendo colocadas em um banco de dados que constitui parte da linha de pesquisa Flora e Vegetação de Porto Alegre, desenvolvida no Departamento de Botânica da UFRGS. Neste banco de dados constam para cada espécie nomenclatura científica e popular, hábito, tipo de vegetação de ocorrência, uso e registro.

As fotografias são do próprio autor e do Prof. Paulo Brack.

Resultados e Discussão

Considerações sobre a flora

Elaborou-se uma listagem florística preliminar (em anexo), onde constam 403 espécies de 90 famílias de Magnoliophyta, conforme o sistema de CRONQUIST (1981). As famílias numericamente mais representativas foram Asteraceae, Poaceae, Fabaceae, Myrtaceae e Orchidaceae (Fig. 3). Ressalte-se que o levantamento das áreas de campo não foi ainda totalmente concluído, restando coletas sem determinação e desta forma não incluídas na listagem. Assim, é esperada uma maior representação especialmente das famílias Poaceae, Fabaceae e Asteraceae, como também de alguns gêneros de outras famílias onde a determinação não chegou em nível específico.

Nas áreas de campo foram determinadas 157 espécies. Predominam, respectivamente, as famílias Asteraceae, Poaceae e Fabaceae. Destacam-se ainda Rubiaceae e Verbenaceae.

Nos locais de mata encontraram-se 187 espécies. Numericamente salientam-se as famílias Myrtaceae, Orchidaceae e Fabaceae. Além destas, Asteraceae e Lauraceae têm participação numerosa nas áreas de floresta, especialmente esta última, essencialmente arbórea.

Foram encontradas 137 espécies de árvores, pertencentes a 44 famílias. Predomina a família Myrtaceae, com 20 espécies (Fig.4). Desta forma, verifica-se que o Morro do Osso apresenta cerca de 80% das 169 espécies de árvores registradas para Porto Alegre por Brack et al. (não publicado).

Descrição das comunidades vegetais

Aproximadamente 60% da vegetação natural do morro é constituída por formações florestais (GÜNTZEL et al. 1994), sendo restante classificado como formações herbáceo-arbustivas.

A descrição dos diferentes tipos de vegetação encontrados no Morro do Osso foi baseada em BRACK et al. (não publicado), seguindo-se inclusive as denominações para as comunidades propostas neste trabalho.

Foi elaborado um perfil esquemático no sentido Norte-Sul do morro apresentando as comunidades vegetais encontradas no local. (Fig. 5).

A **vegetação arbórea** é representada pela **floresta estacional semidecidual** (IBGE, 1992), com os subtipos **mata higrófila, mesófila e subxerófila**.

A **vegetação herbáceo-arbustiva** é formada pelos **campos pedregosos** e pelas **capoeiras e vassourais**.

Mata higrófila

Ocorre nos fundos de vale e encostas sul do Morro do Osso, constituindo-se em uma comunidade relictual com forte influência da floresta pluvial tropical atlântica (floresta ombrófila densa). As condições de relevo nestes locais, mais protegidas da radiação solar e do ressecamento provocado pelos ventos nos cumes dos morros, aliadas à maior profundidade dos solos e à maior capacidade de armazenamento de água, proporcionam boas condições de umidade para a manutenção de uma vegetação de grande porte, com espécies tipicamente latifoliadas. Como exemplos de espécies seletivas a este ambiente

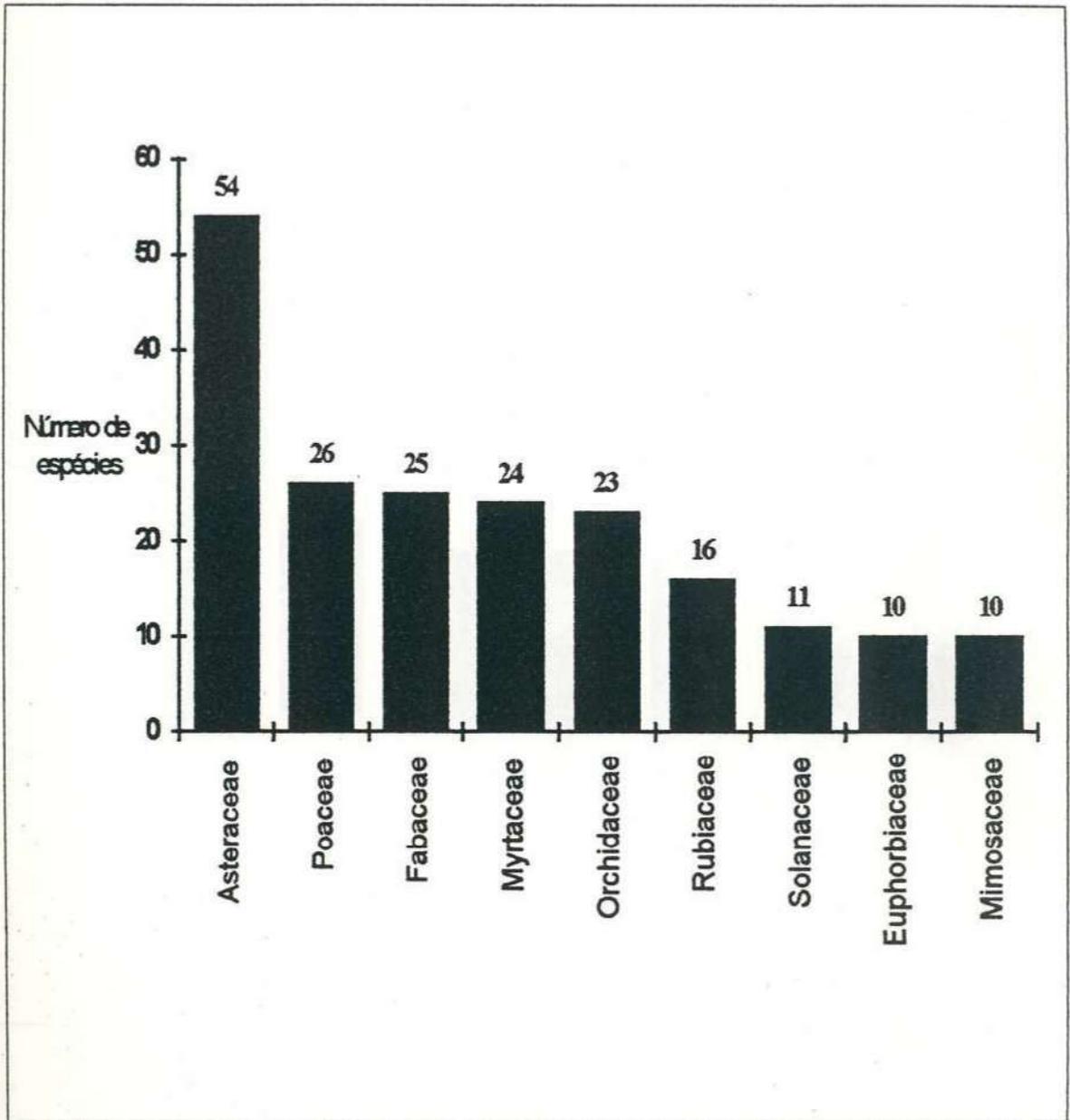


Fig. 3. Histograma exibindo as famílias com maior número de espécies no Morro do Osso.

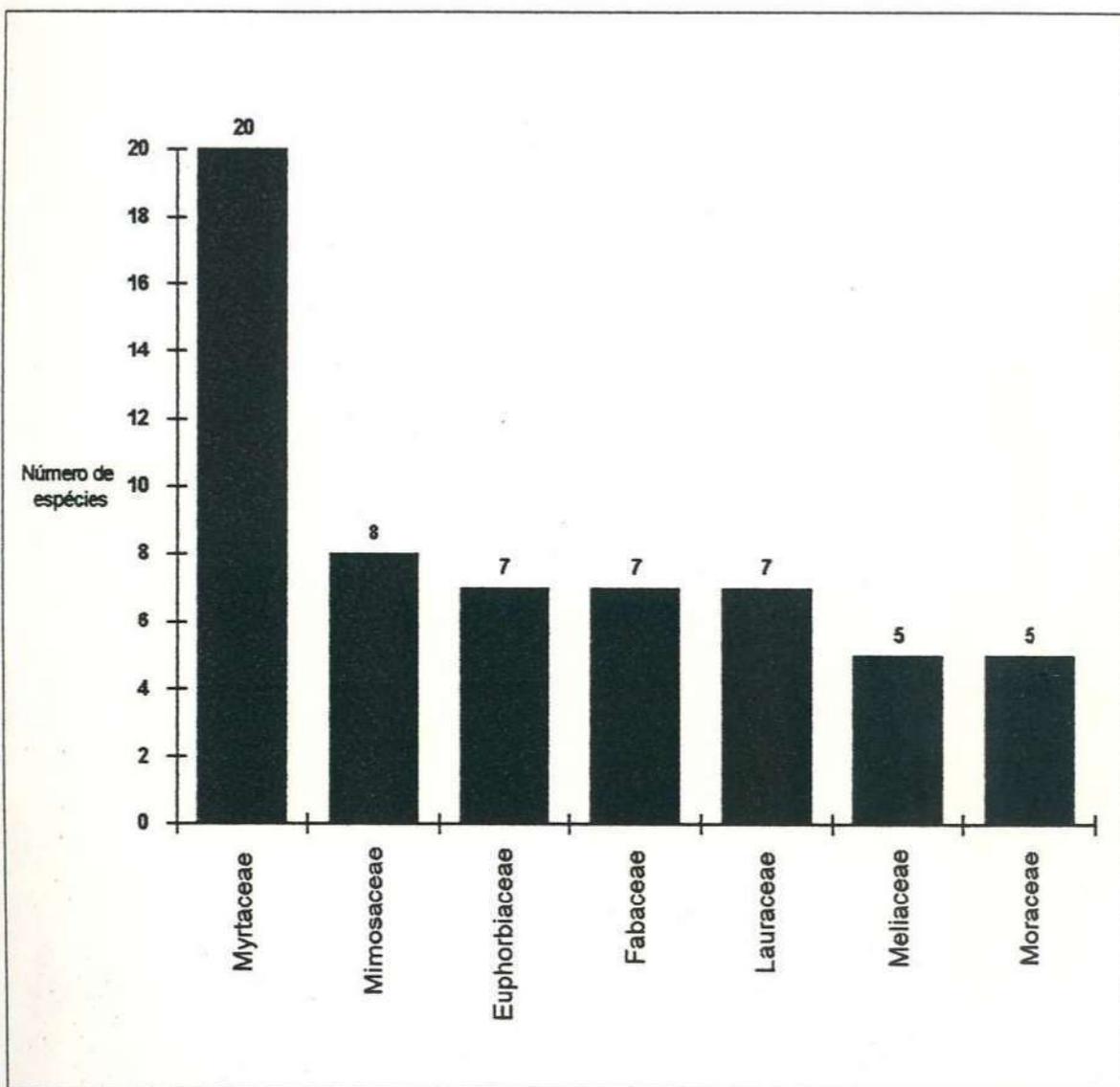
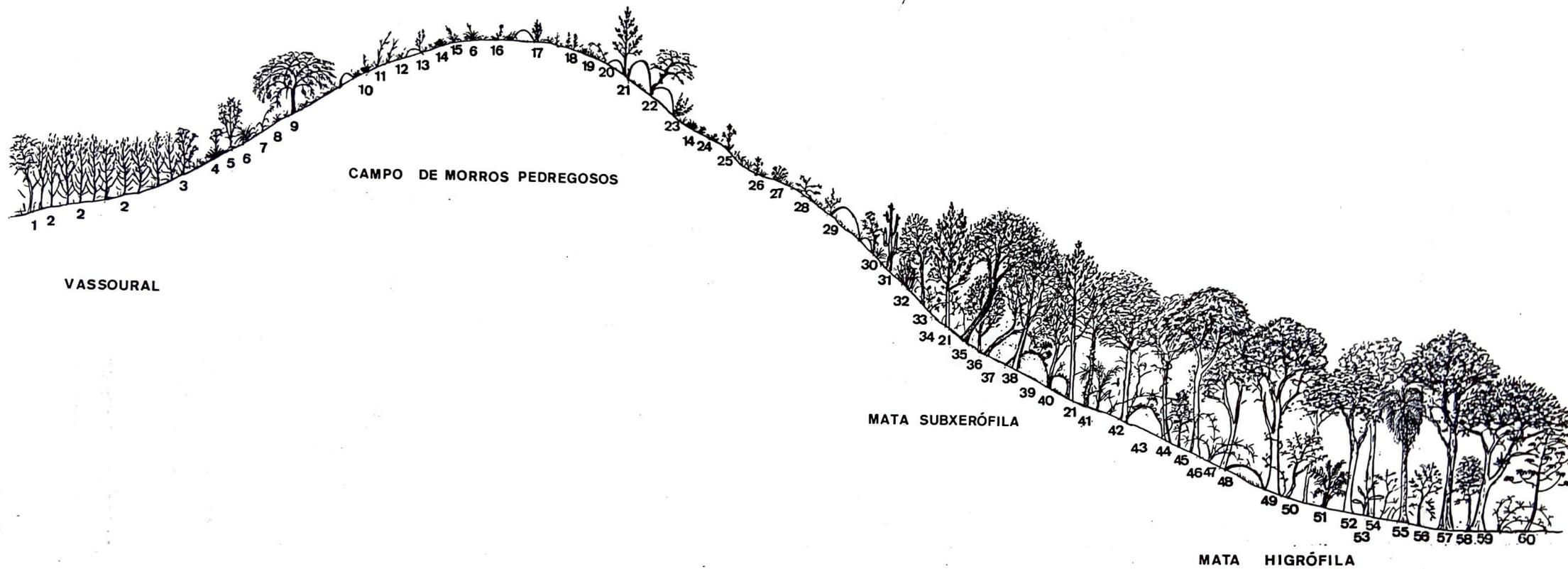


Fig. 4 . Histograma exibindo as famílias com maior número de espécies arbóreas no Morro do Osso.



- 1 - *Solanum mauritianum*
- 2 - *Dodonaea viscosa*
- 3 - *Eupatorium intermedium*
- 4 - *Eryngium horridum*
- 5 - *Buddleia thyrsoidea*
- 6 - *Aristida* cf. *longiseta*
- 7 - *Paspalum plicatum*
- 8 - *Piptochaetium montevidensis*
- 9 - *Schimus molle*
- 10 - *Dyckia leptostachya*
- 11 - *Andropogon lateralis*
- 12 - *Eragrostis* sp.
- 13 - *Campomanesia aurea*
- 14 - *Eryngium pristis*
- 15 - *Stipa* sp.

- 16 - *Spilanthes decumbens*
- 17 - *Eugenia dimorpha*
- 18 - *Angelonia integerrima*
- 19 - *Vernonia brevifolia*
- 20 - *Collea stenophylla*
- 21 - *Myrsine umbellata*
- 22 - *Agarista eucalyptoides*
- 23 - *Gochnatia orbiculata*
- 24 - *Richardia grandiflora*
- 25 - *Tibouchina gracilis*
- 26 - *Mandevilla coccinea*
- 27 - *Lantana montevidensis*
- 28 - *Schimus weinmanniifolius*
- 29 - *Baccharis* cf. *pseudomyriocephala*
- 30 - *Lantana brasiliensis*

- 31 - *Cereus hildmannianus*
- 32 - *Erianthus* sp.
- 33 - *Gochnatia polymorpha*
- 34 - *Dioscorea* sp.
- 35 - *Lithrea brasiliensis*
- 36 - *Myrciaria cuspidata*
- 37 - *Pisonia aculeata*
- 38 - *Sebastiania commersoniana*
- 39 - *Polypodium* sp.
- 40 - *Casearia silvestris*
- 41 - *Zanthoxylum hiemale*
- 42 - *Cupania vernalis*
- 43 - *Peperomia pereskiaefolia*
- 44 - *Luehea divaricata*
- 45 - *Eugenia ramboi*

- 46 - *Nectandra oppositifolia*
- 47 - *Merostachys* sp.
- 48 - *Trichilia clausenii*
- 49 - *Alchornea triplinervia*
- 50 - *Sorocea bonplandii*
- 51 - *Bactris lindmaniana*
- 52 - *Guapira opposita*
- 53 - *Marantha* sp.
- 54 - *Maclura tinctoria*
- 55 - *Syagrus romanzoffiana*
- 56 - *Actinostemon concolor*
- 57 - *Erythrina falcata*
- 58 - *Garcinia gardneriana*
- 59 - *Ficus insipida*
- 60 - *Cecropia catarinensis*

Fig. 5. PERFIL ESQUEMÁTICO DA VEGETAÇÃO DO MORRO DO OSSO, PORTO ALEGRE, RS.

de maior umidade edáfica e microclimática destacam-se *Ficus insipida* (figueira-purgante), *Nectandra oppositifolia* (canela-ferrugem), *Hirtella hebeclada* (cinzeiro), *Dendropanax cuneatum* (pau-de-tamanco), entre outras.

Algumas espécies, como *Bactris lindmaniana* (tucum), *Garcinia gardneriana* (bacupari), *Colubrina glandulosa* (sobraji), eminentemente tropicais, tiveram segundo RAMBO (1950) sua entrada no Estado através da "Porta de Torres", encontrando seu limite sul de ocorrência próximo ao paralelo 30° S, onde se situa Porto Alegre.

Quanto à estrutura da floresta, que pode atingir 15 a 20 m de altura, verifica-se a presença de vários estratos. O estrato superior apresenta tipicamente elementos como *Ficus insipida* (figueira-purgante), *Nectandra oppositifolia* (canela-ferrugem), *Alchornea triplinervia* (tanheiro) e *Erythrina falcata* (corticeira-da-serra). No estrato médio (maior que 7 e menor que 15 m) estão presentes *Trichilia clausenii* (catiguá), *Hirtella hebeclada* (cinzeiro), *Guapira opposita* (maria-mole) e *Machaerium paraguariense* (pau-de-malho), entre outros. O estrato inferior (maior que 2,5 e menor que 7 m) está representado por arvoretas como *Actinostemon concolor* (laranjeira-do-mato), *Sorocea bonplandii* (cincho), *Eugenia ramboi* (batinga) e *Esenbeckia grandiflora* (pau-de-cutia). No estrato arbustivo (até 2,5 m) temos *Psychotria* spp. (cafeeiro-do-mato), *Piper gaudichaudianum* (pariparoba) e *Merostachys* sp (taquarinha).

Mata mesófila

Ocupando a porção média ou baixa do morro ocorre uma mata de 10 a 15 m de altura, intermediária entre ambientes microclimaticamente úmidos e secos, denominada mesófila. Em geral, está presente em locais onde as condições ambientais não são extremas, como nas encostas superiores ou fundos de vale. Sua caracterização, contudo, algumas vezes não é tão evidente.

A composição florística inclui espécies de ampla distribuição no estado, sem maior seletividade, como *Casearia silvestris* (chá-de-bugre), *Luhea divaricata* (açoita-cavalo), *Vitex megapotamica* (tarumã-preto), *Cupania vernalis* (camboatá-vermelho), *Matayba elaeagnoides* (camboatá-branco) e *Allophylus edulis* (chal-chal).

Mata subxerófila

Nas encostas superiores do morro ocorre uma mata baixa, com altura não superior a 12 m. É denominada subxerófila para caracterizar o tipo de vegetação florestal de ambientes mais secos do morro, onde fatores ambientais como solo raso (litossolo) e maior exposição à ação dos ventos e do sol promovem menor retenção de umidade durante o verão, sendo evidenciados sinais de esclerofilia e xeromorfismo marcantes na vegetação.

Sua composição florística é semelhante às matas e capões do Escudo Cristalino Riograndense. A mata subxerófila apresenta uma estratificação mais simplificada que a verificada na mata higrófila. No estrato superior, entre 8 a 12 m, verificam-se as presenças de *Myrsine umbellata* (capororocão), *Lithrea brasiliensis* (aroeira-brava) e *Zanthoxylum rhoifolium* (mamica-de-cadela). O estrato médio, (maior que 5 e menor que 8 m) apresenta *Sebastiania commersoniana* (branquilho), *Casearia silvestris* (chá-de-bugre) e *Erythroxylum argentinum* (cocão). No estrato inferior, até 5 m, são encontradas arvoretas como *Myrciaria cuspidata* (camboim), *Eugenia hiemalis* (guamirim) e *Maytenus cassineformis* (coração-de-negro). Na beira desta mata ocorrem freqüentemente *Gochnatia polymorpha* (cambará), *Symplocos uniflora* (sete-sangrias) e *Gomidesia palustris* (guamirim), juntamente com *Pisonia aculeata* (unha-de-tigre) e *Dioscorea* sp. (cará-silvestre).



Fig. 6. Vista geral da mata na encosta inferior sul do morro



Fig. 7. Vista dos campos pedregosos e mata na encosta superior sul do morro.

Campos pedregosos

São típicos das áreas de topo (Fig. 7 e 8) ou com orientação norte, muitas vezes ocorrendo em meio a afloramentos graníticos. Corresponde à savana gramíneo-lenhosa (IBGE, 1986) e aos campos subarbustivos (LINDMAN, 1906).

Sua cobertura é constituída basicamente por gramíneas de folhagem fina, as quais formam touceiras baixas, constituídas por *Aristida pallens* (capim-barbade-bode), *Paspalum notatum*, *Andropogon lateralis* (capim-caninha), *Stipa* spp. (flexilha) e *Eragrostis* sp. Famílias como Asteraceae e Fabaceae também estão bem representadas, destacando-se como elementos da primeira. *Aspilia montevidensis* (mal-me-quer-do-campo), *Gochnatia cordata*, *Baccharis* spp. e *Vernonia* spp. e da segunda *Collaea stenophylla*, *Rhynchosia corylifolia* (favinhara-teira-do-campo), *Crotalaria tweediana* (guizo-de-cascavel) e *Lathyrus* spp., entre outros. Espécies de dezenas de famílias menos numerosas também ocorrem, podendo-se citar *Eryngium pristis* (língua-de-tucano), *Angelonia integerrima* (caracol-do-campo), *Richardia grandiflora*, *Macrosyphonia longiflora* (velame-do-campo), *Oxypetalum amottianum* (leite-de-cachorro) e *Verbena* spp. (verbena).

Observa-se que no campos pedregosos, ao redor de matações ou nas áreas de transição com a mata, muitas vezes se formam pequenos agrupamentos arbóreo-arbustivos (Fig 9), constituídos por *Agarista eucalyptoides* (criúva), *Myrsine umbellata* (capororocão), *Eupatorium* spp., *Paramyrciaria delicatula* (camboim), *Gochnatia orbiculata* (cambará-do-campo) e *Schinus weinmanniifolius* (aroeira-do-campo).

Capoeiras e vassourais

São formações arbustivas que ocorrem em locais alterados pela ação antrópica ou em áreas de transição do campo com a mata.

As **capoeiras** correspondem ao tipo de vegetação encontrado em locais originalmente florestais, onde houve desmatamento e posterior abandono. São típicos *Solanum mauritianum* (fumo-bravo), *Trema micrantha* (grindiúva) e várias espécies de *Eupatorium* e *Baccharis*.

Os **vassourais** apresentam certa homogeneidade fisionômica, sendo o elemento mais comum *Dodonaea viscosa* (vassoura-vermelha) (Fig. 11), juntamente com outras espécies como *Heterothalamus psiadioides* (vassoura) e *Cordia curassavica* (balieira).



Fig. 8. Agrupamentos arbóreo-arbustivos em meio ao campo pedregoso, tendo ao fundo a maior elevação do morro.



Fig. 9. Agrupamento arbóreo-arbustivo junto a matacões, destacando-se *Myrsine umbellata* (capororocão).

Considerações sobre a importância da flora e vegetação do Morro do Osso e proposições de uso.

* É importante salientar que o Morro do Osso apresenta algumas espécies arbóreas sob possível ameaça de extinção, tanto regional quanto nacionalmente. Segundo MELO FILHO (1992), a canela-preta, *Ocotea catharinensis* se enquadra na categoria vulnerável, pois está sujeita à destruição de seu hábitat em sua área de ocorrência.

O decreto-lei 29019 de 1979 limita o corte de espécies vegetais consideradas em vias de extinção no estado (FEPAM,1992). Destas, estão presentes no morro a corticeira-da-serra, *Erythrina falcata* e as figueiras do gênero *Ficus*, em questão, *F. enormis*, *F. insipida* e *F. organensis*.

Além disso, ocorrem no local espécies de árvores com distribuição muito restrita em Porto Alegre. *Colubrina glandulosa* (sobraji) e *Eugenia florida* destacam-se como espécies até o momento encontradas somente neste local do município. *

O sobraji é uma árvore originária da mata atlântica que alcança 10-20 m de altura, apresentando madeira vermelha, pesada e bastante resistente (LORENZI,1992). No Morro do Osso foram encontrados pouquíssimos indivíduos, sempre restritos à porção de mata higrófila da face sul. Um fator preocupante é que estes exemplares, com exceção de um localizado em uma Praça próxima a Av. Arlindo Pasqualini, se encontram em terrenos particulares, sujeitos à destruição pela urbanização, sempre crescente nesta região.

Medidas que venham propiciar a conservação destas espécies e de seus ambientes, juntamente com outras árvores raras na cidade e lá também presentes como *Jacaranda micrantha* (caroba), *Machaerium paraguariense* (pau-de-malho) e *Albizia austrobrasílica* (pau-gambá) são extremamente necessárias e urgentes.



Fig. 10. Visão do topo do morro na direção sul, tendo ao fundo o morro da Ponta Grossa.



Fig. 11. Avanço do vassoural (*Dodonaea viscosa*) sobre o campo na face noroeste do morro.

Porto Relegadas culturalmente a um segundo plano, as áreas de campo dificilmente recebem da população a consideração devida, quando em comparação com os locais de mata. Entretanto, apresentando seguramente um número superior a 170 espécies, muitas com grande seletividade e adaptações particulares a este tipo de ambiente (LINDMAN, 1906), os campos pedregosos, em razão desta destacada riqueza de espécies, potencialidade para uso ornamental e medicinal e ocorrência de endemismos precisam ser protegidos em sua integralidade nos locais em que sofreram pouca alteração.

Nestes campos podem ser encontradas espécies raras na região como *Moritzia ciliata* (borragem-miúda) (Fig. 12), *Schlechtendalia luzulifolia* (Fig. 13), *Heterothalamus psiadioides* (vassoura), *Gochnatia cordata* e *G. orbiculata*, *Mandevilla coccinea* (jalapa-encarnada) (Fig. 14), *Epidendrum fulgens* (orquídea-das-pedras), *Dyckia choristaminea* e *D. leptostachya*, *Eryngium eriophorum* (gravatá) (Fig. 15) e *Sinningia* spp. (rainha-do-abismo), entre outras. As quatro espécies referidas primeiramente são consideradas por RAMBO (1954) como endêmicas dos morros graníticos do sudeste do estado. WINKLER (1982) afirma que *Dyckia choristaminea* é endêmica do Estado, com coletas restritas a Porto Alegre.

Nos campos pedregosos do morro foi coletado um indivíduo pertencente a uma espécie nova do gênero *Senecio* (Asteraceae), que está sendo descrita atualmente pelo Prof. Néson Ivo Matzembacher, da PUCRS. Assim a preservação destes ambientes representa um valioso caráter científico-cultural.

Da mesma forma, MONDIM (1996) afirma que "*Schlechtendalia luzulifolia* [Fig. 12] é uma espécie de importância fundamental na estrutura filogenética da família Asteraceae e decisiva no estudo relacionado à área ancestral da família. Seu habitat, representado no Rio Grande do Sul, essencialmente, pelas formações graníticas do escudo cristalino, tem em Porto Alegre, seu limite setentrional. Recomenda-se a preservação dos sítios onde ocorre este táxon, uma vez que trata-se de uma espécie de alto valor científico". O mesmo autor aponta que *Gochnatia orbiculata* tem ocorrência no Estado restrita à região de

Porto Alegre, ocorrendo também em São Paulo e Paraná. Sendo assim, é importante também resguardar os ambientes onde se estabelece esta espécie.

Tendo em vista a relevância do morro para a manutenção da biodiversidade da cidade, além de sua importância científica, algumas áreas precisam ser resguardadas para a sua devida conservação. Propõe-se o uso mais intensivo pela população ao longo das trilhas mais consagradas já existentes, como as que levam até o maior topo, para observação da paisagem, mas também passando pelos variados tipos ambientes (Fig 18). Contudo, estas trilhas devem ser relativamente estreitas para que não venham afetar a vegetação ao seu lado. As visitas devem proporcionar a devida orientação sobre o procedimento em áreas naturais, assim como destacar a necessidade de bem preservá-las.

Entretanto, alguns locais precisam ser protegidos em sua totalidade, como áreas de mata higrófila e de campo pedregoso (Fig. 18). Nestes lugares devem ser criadas zonas de proteção integral, com uso exclusivo para preservação e atividades de pesquisa científica, não sendo afetadas pela utilização de trilhas.



Fig. 12. *Moritzia ciliata*
(borragem-miúda),
presente no campo
pedregoso.



Fig. 13 *Schlechtendalia*
luzulifolia, em meio ao
campo pedregoso.



Fig. 14. *Mandevilla coccinea* (jalapa-encarnada), espécie com elevado potencial ornamental, presente no campo pedregoso.



Fig. 15. *Eryngium eriophorum* (gravatá), presente no campo pedregoso.

Atividades impactantes sobre a vegetação

Apesar dos esforços que a comunidade empreendeu nos últimos anos pela conservação da área e pela intenção por parte da Prefeitura de transformação da área em um Parque Municipal, o Morro do Osso sofreu e continua sofrendo sérias ações degradantes à vegetação natural, problemas também presentes em outros morros da capital.

Destacamos duas questões como as mais preocupantes e com maior potencial destrutivo no local. A primeira é a acelerada ocupação urbana na zona periférica do morro, em sua maior parte em áreas externas ao limite inicial traçado para o Parque. Este avanço está se dando principalmente sobre locais de mata higrófila na face sul do morro, muitas vezes com altura superior a 15 m, justamente onde se encontram as árvores mais raras e ameaçadas do morro. Em várias oportunidades constatamos o corte raso e irrestrito da vegetação nativa nos terrenos circunvizinhos ao Parque (Fig 16), com propósito de edificação, mesmo em áreas com declividade acentuada. A fragmentação que urbanização ameaça impor aos locais de mata pode acabar trazendo conseqüências à fauna local, pois muitos animais não apresentam condições para superar o isolamento destas áreas naturais. A perda de biodiversidade animal e vegetal decorrentes disto são preocupantes, tendo em vista que o morro apresenta algumas espécies arbóreas únicas em Porto Alegre.

As áreas de campo sofrem com as constantes queimadas, especialmente no verão, mas também nas demais estações. KUNZ JÚNIOR (1994) acredita que a maior parte das queimadas em Porto Alegre ocorram por puro vandalismo, pois não há motivos econômicos (agricultura ou pecuária) que as justifiquem. No Morro do Osso, verificamos queimadas em vários locais, incluindo as áreas adjacentes ao ponto mais elevado. Um dos incêndios mais graves foi verificado em novembro de 1995 no topo da face nordeste, com destruição de cerca de 5 hectares. A percentagem de solo descoberto de vegetação após o fogo atingiu mais que 75%. A erosão do solo nú pelas chuvas, que se verifica ao longo das

trilhas que atravessam estas áreas queimadas e a alteração da composição original dos campos pedregosos, pela seleção que o fogo exerce, favorecendo espécies com gemas subterrâneas e xilopódio (*Eryngium horridum* é uma das primeiras espécies a surgir nos locais descobertos, entre outras), além da morte de animais, são os principais problemas conseqüentes desta perniciosa prática.

Outras atividades que trazem impacto sobre a vegetação do morro, como depósitos irregulares de lixo (pneus, restos de jardinagem, etc.), são apontadas no quadro 1. Os critérios para avaliação foram estimados qualitativamente em função da presença da atividade impactante em vários pontos da área e de sua freqüência, observada pelos vestígios de ocorrência.

Quadro 1. Principais atividades impactantes sobre a vegetação do Morro do Osso

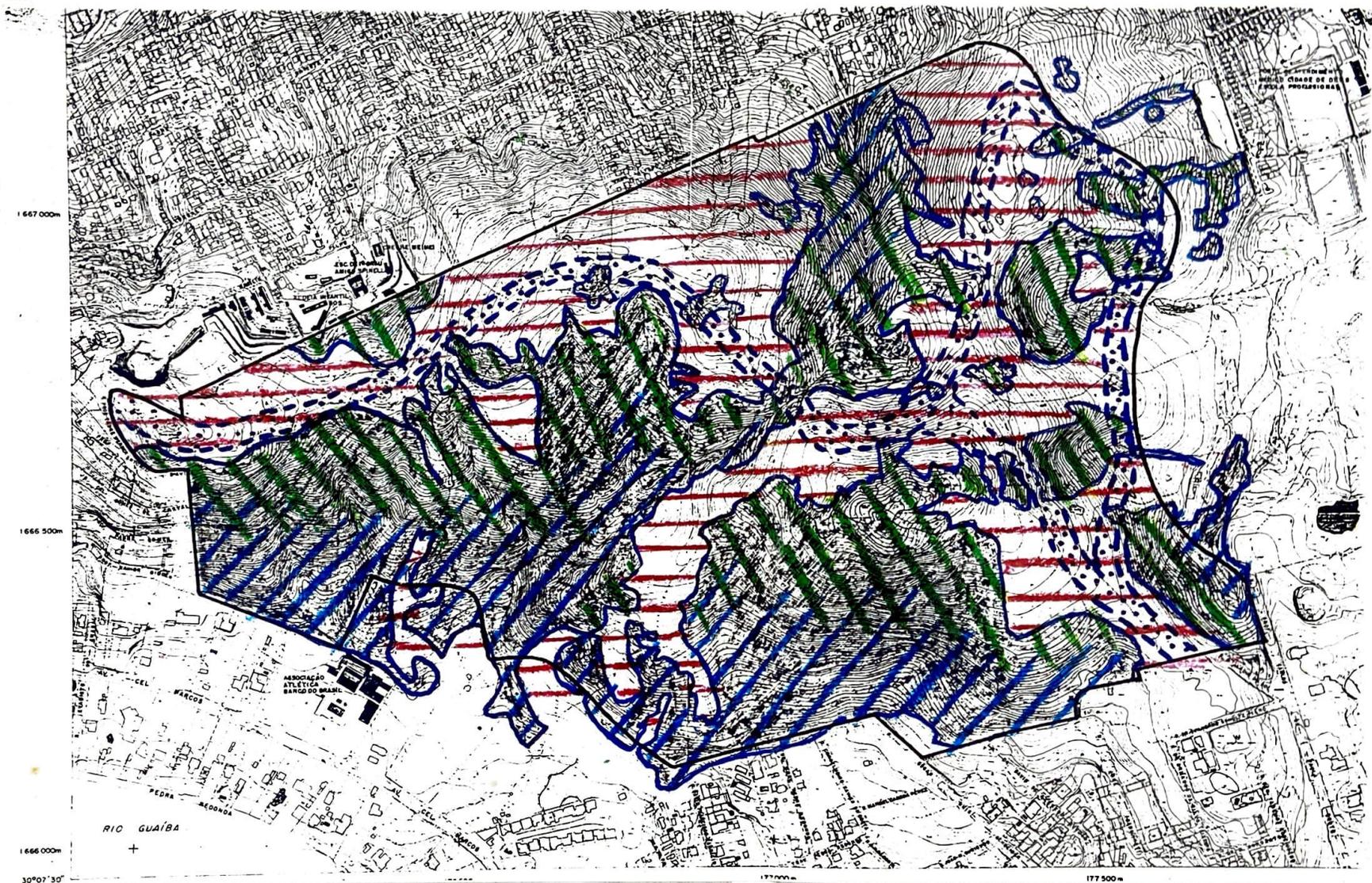
Atividade impactante	Grau de impacto		
	Alto	médio	baixo
Fogo	X		
Urbanização periférica	X		
Depósito de lixo		X	
Retirada de lenha		X	
Tráfego de veículos automotores		X	
Retirada de húmus			X
Criação de animais			X
Extração de plantas			X



Fig. 16. Flagrante do corte total de mata em um terreno nas proximidades do Parque.



Fig. 17. Visão a partir da face leste do morro, observando o loteamento da antiga vila "Cai-Cai", junto à Av. Cavalhada, tendo ao fundo o morro Teresópolis.



Continuidade do estudo

- A partir deste trabalho inicial no Morro do Osso, está sendo desenvolvido no Departamento de Botânica da UFRGS pela Bióloga Ronise Possamai um guia de campo das árvores do morro, importante para a identificação e conhecimento de suas características biológicas, econômicas, etc.
- Espera-se que sejam estimulados os trabalhos de educação ambiental com os visitantes e moradores vizinhos ao local, a fim de que saliente para a relevância de proteção do futuro parque e seus atrativos.
- Sugere-se que sejam feitos futuramente trabalhos mais específicos em certas comunidades vegetais, como os campos pedregosos, utilizando-se os métodos quantitativos da fitossociologia.
- Por fim, tendo em vista a ocorrência de alguns elementos arbóreos raros no município, sugere-se um estudo sobre a localização precisa de exemplares com função de fornecimento de sementes (exemplares matrizes), a fim de que se possa promover o seu plantio e/ou recomposição em outros locais da cidade.

Conclusões

- O Morro do Osso representa para Porto Alegre um local de relevante valor natural, científico, histórico-cultural e turístico-paisagístico que precisa ser conservado.
- Foram apontadas na listagem florística 403 espécies de Angiospermas, pertencentes a 90 famílias,
- Foram descritas qualitativamente comunidades vegetais arbóreas (mata higrófila, mesófila e subxerófila) e herbáceo-arbustivas (campo pedregoso e capoeira-vassoural).
- Dentre as comunidades descritas no trabalho, destacam-se a mata higrófila e o campo pedregoso como merecedoras de maior proteção, em razão da maior riqueza florística, da presença de alguns elementos raros em Porto Alegre e do impacto que vêm sofrendo, sugerindo-se que sejam determinadas como áreas de uso exclusivo.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, L. W., MARTAU, L., SOARES Z. F., et al. Estudo preliminar da flora e vegetação de morros graníticos da Região da Grande Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia*, Sér. Bot., n. 34, p. 3-38, 1986.
- BACKES, A. Flora do Morro-do-Côco, Viamão, RS. *Iheringia*, Sér. Bot., n. 27, p. 27-40, 1981.
- BAPTISTA, L. R. M., IRGANG, B. E. Nota sobre a composição florística de uma comunidade florestal dos arredores de Pôrto Alegre. *Iheringia*, Sér. Bot, n. 16, p. 3-8, 1972.
- BOLDRINI, I. I., MIOTTO, S. T. S., LONGHI-WAGNER, H., et al. Vegetação campestre do Morro da Polícia, Porto Alegre, RS, Brasil. IN: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA 47, Nova Friburgo, 1996. **Resumos...** Nova Friburgo: Sociedade de Botânica do Brasil. 1996. p.197.
- BRACK, P. **Um estudo para a preservação da flora do Morro Santana em Porto Alegre**. Porto Alegre, 1985. 49 f. Trabalho não publicado.
- BRACK, P., RODRIGUES, R. S., SOBRAL, M., LEITE, S. L. C. Árvores e arbustos na vegetação natural de Porto Alegre, RS, Brasil. *Iheringia*, Sér. Bot., Porto Alegre. (no prelo). 13 f.
- BUENO, E. A revelação do Morro do Osso. **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 dez. 1994. Revista ZH, p. 7-9.
- BURKART, A. ed. Flora Ilustrada de Entre-Ríos. Buenos Aires: I.N.T.A., 1969-1978. 6v.
- CABRERA, A. L. ed. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Buenos Aires: I.N.T.A., 1968-1970. 6v.
- CRONQUIST, A. **An integrated System of Classification of Flowering Plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1260 p.
- FEPAM. **Rio Grande do Sul - 92. Perfil ambiental e estratégias**. Porto Alegre: FEPAM, 1992. 20p.

- FERRARO, L. W., HASENACK, H. **Avaliação das variáveis climáticas de superfície do Baixo Jacuí, RS.** Progress Report, 06. Porto Alegre: UFRGS/Centro de Ecologia, 1995. 47 p.
- FILGUEIRAS, T. S., NOGUEIRA, P. E., BROCHADO, A., et al. Caminhamento - um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cad. Geoc.**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 39-43, 1994.
- FLORA ILUSTRADA CATARINENSE. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1965-1989.
- FLORA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1955-1993.
- FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Preceituação ecológica para a preservação de recursos naturais na região da Grande Porto Alegre.** Porto Alegre: FZB / Liv. Sulina, 1976. 153 p.
- GÜNTZEL, A., FREITAS, A. E., TEDESCO, C., et al. **Avaliação dos morros do município de Porto Alegre/RS com base no uso do solo.** Porto Alegre, 1994. 38 f. Trabalho não publicado.
- IBGE. **Folha SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra.** Rio de Janeiro: IBGE, 1986. 796p. - (Levantamento de Recursos Naturais, v.33)
- IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira.** Rio de Janeiro: IBGE, 1992. 92p. - (Manuais Técnicos em Geociências, n. 1).
- IRGANG, B. **Relatório Botânico - Morro do Osso, área de transição.** Porto Alegre., 1994. 3p. Trabalho não publicado.
- KNOB, A. Levantamento fitossociológico da formação mata do Morro do Côco, Viamão, Rio Grande do Sul. **Iheringia, Sér. Bot.**, n. 23, p. 65-108, 1978.
- KUNZ JÚNIOR, L. F. Queimadas em Porto Alegre. **Agir Azul**, Porto Alegre, v. 2, n.7, p. 10, 1994.
- LINDMAN, C. A. M. **A vegetação no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Liv. Universal, 1906. 356 p.
- LOMBARDO, A. **Flora montevidensis.** Montevideo: Intendencia Municipal de Montevideo, 1982-1984. 3v.

- LORENZI, H. **Árvores brasileiras : manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Ed. Plantarum, 1992. 352 p.
- MEIRA, J. R., ARIOLI, M. S., BRACK, P. A Flora de Porto Alegre. **Agir Azul**, Porto Alegre, v. 2, n.7, p. 9-10, 1994.
- MELO FILHO, L. E. **Centuria plantarum brasiliensium exstinctionis minitata**. Sociedade Botânica do Brasil, 1992. 167p.
- MOHR, F. V. **Zoneamento da vegetação da Reserva Ecológica do Morro Santana - Porto Alegre, RS**. 1995. 69 f. Dissertação (Mestrado em Botânica). Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.
- MONDIN, C. A. **A Tribo Mutisieae Cass. (Asteraceae) sensu CABRERA, no Rio Grande do Sul e suas Relações Biogeográficas**. 1996. 161 f. Dissertação (Mestrado em Botânica). Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- MONDIN, C. A., MOHR, F. V. **Levantamento botânico e elaboração de diretrizes para a ocupação de uma área no Morro Teresópolis**. Porto Alegre, 1994. 73 f. Trabalho não publicado.
- NEVES, P. C. P. **Aspectos geológicos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1996. 16 f. Trabalho não publicado.
- PORTO ALEGRE, Secretaria de Planejamento Municipal, Grupo de Estudos do Ambiente Natural. **Plano de Preservação do Ambiente Natural de Porto Alegre : Primeira Fase levantamento geral expedito**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Meridional EMMA, 1975. 156 p.
- POTTER, K., BACKES, A. Orquídeas nativas dos morros graníticos da Grande Porto Alegre. **Comun. Mus. Ci. PUCRS, Sér. Bot.**, Porto Alegre, n. 38, p. 129-138, 1985.
- RAMBO, B. A Porta de Torres. **Sellowia**, v. 2, n. 2, p. 125-136, 1950.
- RAMBO, B. Análise histórica da flora de Porto Alegre. **Sellowia**, v. 6, n. 6, p.9-112, 1954.
- RAMBO, B. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1956. 438p.

- RODRIGUES, R. S., BRACK, P., LEITE, S. L. C. Flora e vegetação do Morro do Osso, Porto Alegre, RS. IN: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA 47, Nova Friburgo, 1996. **Resumos...** Nova Friburgo: Sociedade de Botânica do Brasil. 1996. p.184.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul** (1820-1821). São Paulo: Editora Nacional, 1939. 404 p. (Brasiliiana, Série 5)
- SCHNEIDER, A. W., LOSS, E. L., PINTO, J. P, et al. **Mapa Geológico da Folha de Porto Alegre**. Porto Alegre, Globo, 1974. Escala 1:50.000 .
- SCHULTZ, A. R. H., PORTO, M. L. Nota prévia sôbre o levantamento florístico de quatro regiões naturais do Rio Grande do Sul. **Iheringia**, Sér. Bot., n. 15, p. 19-47, 1971.
- TEODORO LUIS, IRMÃO. **Flora analítica de Porto Alegre**. Canoas: Instituto Geobiológico La Salle, 1960. 260 p.
- WINKLER, S. Die Bromeliaceae von Rio Grande do Sul. **Documenta Naturae**, München, n. 3, p. 1-90, 1982.

Listagem florística preliminar do Morro do Osso, Porto Alegre, RS.

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
ACANTHACEAE	<i>Justicia brasiliana</i> Roth	alfavaca-do-mato	ARB	MHG
ACANTHACEAE	<i>Ruellia angustiflora</i> (Nees) Lindau ex Rambo	alfavaca-do-mato	ARB	MHG
ACANTHACEAE	<i>Ruellia morongii</i> Britton		ERV	CPD
ACANTHACEAE	<i>Thunbergia alata</i> Boj. ex Sims	cu-de-cachorro	TRP	RUD
AMARANTHACEAE	<i>Gomphrena graminea</i> Moq.		ERV	CPD
AMARANTHACEAE	<i>Pfaffia tuberosa</i> (Spreng.) Hicken		ERV	CPD
ANACARDIACEAE	<i>Lithrea brasiliensis</i> L. March.	aroeira-brava	AVM	MSX
ANACARDIACEAE	<i>Schinus molle</i> L.	aroeira-salso	AVM	MSX
ANACARDIACEAE	<i>Schinus polygamus</i> (Cav.) Cabr.	assobiadeira	AVT	MSX
ANACARDIACEAE	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira-vermelha	AVB	CAP
ANACARDIACEAE	<i>Schinus weinmanniifolius</i> Mart. ex Engl.	aroeira-do-campo	ARB	CPD
ANNONACEAE	<i>Rollinia sylvatica</i> (St.Hil.) Mart.	araticum	AVB	MHG
APIACEAE	<i>Eryngium eriophorum</i> Cham. et Schl.	gravatá	ERV	CPD
APIACEAE	<i>Eryngium horridum</i> Malme	gravatá	ERV	CPD
APIACEAE	<i>Eryngium pristis</i> Cham. et Schl.	língua-de-tucano	ERV	CPD
APIACEAE	<i>Eryngium sanguisorba</i> Cham. et Schl.	gravatá	ERV	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
APOCYNACEAE	<i>Macrosyphonia longiflora</i> (Desf.) M. Arg.	velame-do-campo	ERV	CPD
APOCYNACEAE	<i>Mandevilla coccinea</i> (Hook et Arn.) Woods.	jalapa-encarnada	ERV	CPD
APOCYNACEAE	<i>Mandevilla pentlandiana</i> (A.DC.) Woods.		TRP	CAP
AQUIFOLIACEAE	<i>Ilex brevicuspis</i> Reiss.	congonha	AVB	MSX
AQUIFOLIACEAE	<i>Ilex dumosa</i> Reiss.	caúna	AVT	MMS
ARALIACEAE	<i>Dendropanax cuneatum</i> (DC.) Dcne. et Panch.	pau-de-tamanco	AVM	MHG
ARECACEAE	<i>Bactris lindmaniana</i> Drude	tucum	AVT	MHG
ARECACEAE	<i>Butia capitata</i> Becc.	butiá	AVM	CPD
ARECACEAE	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	gerivá, coqueiro	AVM	MMS
ARISTOLOCHIACEAE	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	cipó-mil-homens	TRP	M
ASCLEPIADACEAE	<i>Asclepias campestris</i> Dcne.		ERV	CPD
ASCLEPIADACEAE	<i>Ditassa anomala</i> Mart.		TRP	MHG
ASCLEPIADACEAE	<i>Metastelma aphyllum</i> Dcne.		TRP	M
ASCLEPIADACEAE	<i>Metastelma virgatum</i> (Poir.) Dcne.		TRP	M
ASCLEPIADACEAE	<i>Oxypetalum amottianum</i> Buck	leite-de-cachorro	ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Achyrocline saturoides</i> (Lam.) DC.	macela	ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Aspilia montevidensis</i> (Spreng.) O. Kze.	mal-me-quer-do-campo	ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Aspilia pascalioides</i> Griesebach		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Baccharis articulata</i> (Cham.) Pers.		ARB	CAP

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
ASTERACEAE	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	vassoura-branca	ARB	CAP
ASTERACEAE	<i>Baccharis patens</i> Baker		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Baccharis pseudomyriocephala</i> Teod.	vassoura	ARB	CAP
ASTERACEAE	<i>Baccharis spicata</i> (Lam.) Baill.	vassoura	ARB	CAP
ASTERACEAE	<i>Baccharis tridentata</i> Vahl		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Calea cf. myrtifolia</i> Baker		ARB	CPD
ASTERACEAE	<i>Calea serrata</i> Less.		TRP	MMS
ASTERACEAE	<i>Calea uniflora</i> Less.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burk.	língua-de-vaca	ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polak.		ERV	MHG
ASTERACEAE	<i>Dasyphyllum tomentosum</i> (Spreng.) Cabr.	sucará	AVB	M
ASTERACEAE	<i>Eupatorium commersonii</i> (Cass.) Hieron.		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Eupatorium intermedium</i> DC.		SUB,ARB	CPD
ASTERACEAE	<i>Eupatorium inulifolium</i> H.B.K.		ARB	CAP
ASTERACEAE	<i>Eupatorium laevigatum</i> Lam.		ARB	CAP
ASTERACEAE	<i>Eupatorium squarulosum</i> Hook. et Arn.		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Eupatorium tremulum</i> Hook. et Arn.	chirca	ARB	CPD
ASTERACEAE	<i>Gochnatia cordata</i> Less.		SUB	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
ASTERACEAE	<i>Gochnatia orbiculata</i> (Malme) Cabr.		ARB	CPD
ASTERACEAE	<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabr.	cambará	AVB	MSX
ASTERACEAE	<i>Heterothalamus psiadioides</i> Less.	vassoura	ARB	CPD
ASTERACEAE	<i>Holocheilus brasiliensis</i> (L.) Cabr.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Hypochoeris variegata</i> (Lam.) Baker		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Isostigma pœucedanifolium</i> (Spreng.) Less.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Mikania cordifolia</i> (L. f.) Willd.		TRP	MSX
ASTERACEAE	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	TRP	MSX
ASTERACEAE	<i>Mutisia coccinea</i> St. Hil.	cravo-divino	TRP	MMS
ASTERACEAE	<i>Pamphalea commersonii</i> Cass.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Piptocarpha sellowii</i> (Sch.-Bip.) Baker	cipó-prata	AVP	MHG
ASTERACEAE	<i>Porophyllum obscurum</i> (Spreng.) DC.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cassini		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Schlechtendalia luzulifolia</i> Less.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.	maria-mole	ARB,SUB	RUD
ASTERACEAE	<i>Senecio heterotrichus</i> DC.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Senecio leptolobus</i> DC.		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Senecio</i> sp. (em descrição por N. I. Matzembacher)		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	serralha	ERV	RUD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
ASTERACEAE	<i>Spilanthes cf. decumbens</i> (Smith) A. H. Moore		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Spilanthes grisea</i> (Chad.) Moore		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Stenachaenium macrocephalum</i> (DC.) Benth. ex Benth. et Hook.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Stenachaenium megapotamicum</i> (Spreng.) Baker		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Stenachaenium riedelii</i> Baker		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Symphypappus reticulatus</i> Baker		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Trixis praestans</i> (Vell.) Cabr.	assa-peixe	ARB	CAP
ASTERACEAE	<i>Trixis stricta</i> (Spreng.) Less.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Verbesina subcordata</i> DC.		SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Vernonia brevifolia</i> Less.		ERV	CPD
ASTERACEAE	<i>Vernonia nudiflora</i> Less.	alecrim-do-campo	SUB	CPD
ASTERACEAE	<i>Vernonia tweediana</i> Baker	mata-pasto	ARB	CAP
BALSAMINACEAE	<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	maria-sem-vergonha	ERV	MHG
BEGONIACEAE	<i>Begonia semperflorens</i> Link. et Otto	begônia	ERV	MHG
BIGNONIACEAE	<i>Cybistax antisyphylitica</i> (Mart.) Mart.	ipê-verde	AVB	M
BIGNONIACEAE	<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	caroba	AVM	MHG
BIGNONIACEAE	<i>Macfadiena unguis-cati</i> (L.) Gentry	cipó-unha-de-gato	TRP	MMS
BIGNONIACEAE	<i>Pithecoctenium echinatum</i> (Jacq.) Baill.	pente-de-macaco	TRP	MMS
BIGNONIACEAE	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker-Gawl) Miers	cipó-de-São-João	TRP	MMS

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
BIGNONIACEAE	<i>Tabebuia pulcherrima</i> Sandw.	ipê-amarelo	AVM	M
BIGNONIACEAE	<i>Tecoma stans</i> H.B.K.	falsa-caroba	AVT	RUD
BIGNONIACEAE	<i>Tinanthus elegans</i> Miers	cipó-cravo	TRP	CPD
BORAGINACEAE	<i>Cordia curassavica</i> R. et S.	balieira	ARB	CAP
BORAGINACEAE	<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	maria-preta	AVM	MHG
BORAGINACEAE	<i>Cordia monosperma</i> (Jacq.) R. et S.		ARB	CAP
BORAGINACEAE	<i>Moritzia ciliata</i> (Cham.) DC.	borragem-miúda	ERV	CPD
BORAGINACEAE	<i>Patagonula americana</i> L.	guajuvira	AVA	MMS
BROMELIACEAE	<i>Aechmea recurvata</i> (Klotsch) L. B. Smith	bromélia-das-pedras	EPI,RUP	MHG
BROMELIACEAE	<i>Dyckia choristaminea</i> Mez		ERV	CPD
BROMELIACEAE	<i>Dyckia leptostachya</i> Baker		ERV	CPD
BROMELIACEAE	<i>Tillandsia aeranthes</i> L. B. Smith	cravo-do-mato	EPI	MMS
BROMELIACEAE	<i>Tillandsia cf. geminiflora</i> Brongn.		EPI	MHG
BROMELIACEAE	<i>Tillandsia usneoides</i> L.		EPI	MMS
BROMELIACEAE	<i>Vriesia gigantea</i> Gaud.		EPI	MHG
BUDDLEJACEAE	<i>Buddleia brasiliensis</i> Jacq. ex. Spr.	barbasco de folha larga	ARB	CAP
BUDDLEJACEAE	<i>Buddleia thyrsoidea</i> Lam.	barbasco de folha fina	ARB	CAP
CACTACEAE	<i>Cereus hildmannianus</i> K. Sch.	tuna	AVT	M
CACTACEAE	<i>Frailea gracilima</i>		SUB	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
CACTACEAE	<i>Opuntia monacantha</i> Haw.	arumbeva	ARB	M
CACTACEAE	<i>Parodia ottonis</i>		SUB	CPD
CACTACEAE	<i>Rhipsalis baccifera</i> (J. Mill.) W. T. Stearn	rabo-de-rato	EPI	M
CAESALPINIACEAE	<i>Bauhinia forficata</i> Link	pata-de-vaca	AVB	CAP
CAESALPINIACEAE	<i>Chamaecrista repens</i> (Vog.) Irwin et Barneby		SUB	CPD
CAESALPINIACEAE	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	candelabro	ARB	RUD
CAESALPINIACEAE	<i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb.	fedegoso	AVT	CAP
CAESALPINIACEAE	<i>Senna corymbosa</i> (Lam.) Irwin et Barneby	fedegoso	AVT	CAP
CANNACEAE	<i>Canna limbata</i> Rosc.	caeté	ERV	RUD
CECROPIACEAE	<i>Cecropia catarinensis</i> Cuatr.	embaúba	AVM	MHG
CECROPIACEAE	<i>Coussapoa microcarpa</i> (Scott.) Rizzini	figueira-mata-pau	AVA	MMS
CELASTRACEAE	<i>Maytenus cassineformis</i> Reiss.	coração-de-negro	AVT	MSX
CHRYSOBALANACEAE	<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. ex A.P.DC.	uvá-de-facho, cinzeiro	AVM	MHG
CISTACEAE	<i>Helianthemum brasiliensis</i> (Lam.) Pers.		ERV	CPD
CLUSIACEAE	<i>Garcinia gardneriana</i> (Pl. & Tr.) Zappi	bacupari	AVT	MHG
CLUSIACEAE	<i>Hypericum connatum</i> Lam.	orelha-de-gato	SUB	CPD
COMMELINACEAE	<i>Commelina</i> sp.		ERV	CPD
COMMELINACEAE	<i>Tradescantia</i> sp.		ERV	CPD
CONVOLVULACEAE	<i>Evolvulus</i> sp.		ERV	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet	gramofone	TRP	RUD
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea</i> sp.	gramofone, campainha	TRP	M
CYPERACEAE	<i>Scleria</i> sp.		ERV	CPD
DIOSCOREACEAE	<i>Dioscorea</i> sp.	cará-silvestre	TRP	MSX
EBENACEAE	<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	maria-preta	AVB	MMS
ERICACEAE	<i>Agarista eucalyptoides</i> (Cham. et Schl.) G. Don	criúva	AVT	CPD
ERYTHROXYLACEAE	<i>Erythroxylum argentinum</i> O.Sch.	cocão	AVB	MSX
EUPHORBIACEAE	<i>Acalypha</i> sp.		SUB	CPD
EUPHORBIACEAE	<i>Actinostemon concolor</i> (Spreng.) M. Arg.	laranjeira-do-mato	AVT	MHG
EUPHORBIACEAE	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng) M.Arg.	tanheiro	AVA	MHG
EUPHORBIACEAE	<i>Croton</i> sp.		SUB	CPD
EUPHORBIACEAE	<i>Euphorbia selloi</i> (Kl. et Gke.) Boiss.		ERV	CPD
EUPHORBIACEAE	<i>Pachystroma longifolium</i> (Ness.) Johnst.	mata-olho	AVM	MHG
EUPHORBIACEAE	<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	pau-de-leite	AVM	MMS
EUPHORBIACEAE	<i>Sebastiania brasiliensis</i> Spreng.	leiterinho	AVB	MMS
EUPHORBIACEAE	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) Smith et Downs	branquilha	AVB	M
EUPHORBIACEAE	<i>Sebastiania serrata</i> (M. Arg.) M. Arg.	branquilha	AVM	MSX
FABACEAE	<i>Canavalia bonariensis</i> Lindl.		TRP	MSX
FABACEAE	<i>Clitoria nana</i> Benth.		TRP	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
FABACEAE	<i>Collaea stenophylla</i> (Hook. et Arn.) Benth.		SUB	CPD
FABACEAE	<i>Crotalaria tweediana</i> Benth.	guizo-de-cascavel	ERV	CPD
FABACEAE	<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	rabo-de-bugio	AVB	MMS
FABACEAE	<i>Desmodium</i> sp.	pega-pega	ERV	CPD
FABACEAE	<i>Dioclea paraguariensis</i> Hassl.	estojo-de-luneta	TRP	M
FABACEAE	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	corticeira-do-banhado	AVB	M
FABACEAE	<i>Erythrina falcata</i> Benth.	corticeira-da-serra	AVA	MHG
FABACEAE	<i>Galactia latisiliqua</i> Desv.		ERV	CPD
FABACEAE	<i>Lathyrus nervosus</i> Lam.		TRP,ERV	CPD
FABACEAE	<i>Lathyrus subulatus</i> Lam.		TRP,ERV	CPD
FABACEAE	<i>Lonchocarpus campestris</i> Mart. ex Benth.	rabo-de-bugio	AVB	MHG
FABACEAE	<i>Lupinus</i> sp.1 <i>bracteolaris</i>		ERV	CPD
FABACEAE	<i>Lupinus</i> sp.2		ERV	CPD
FABACEAE	<i>Machaerium paraguariense</i> Hassl.	pau-de-malho	AVM	MHG
FABACEAE	<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vog	pau-de-malho	AVM	MHG
FABACEAE	<i>Macroptilium prostratum</i> (Benth.) Urban		ERV	CPD
FABACEAE	<i>Melilotus indicus</i> (L.) All.	trevo-de-cheiro	ERV	RUD
FABACEAE	<i>Rhynchosia diversifolia</i> M. Mich.		ERV	CPD
FABACEAE	<i>Rhynchosia senna</i> Gill. ex Hook.		TRP,ERV	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
FABACEAE	<i>Rhynchosia corylifolia</i> Mart. ex Benth.	favinha-rasteira-do-campo	ERV	CPD
FABACEAE	<i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pers.	cambai-amarelo	AVT	CAP
FABACEAE	<i>Vicia sativa</i> L.	ervilhaca	TRP,ERV	RUD
FABACEAE	<i>Zornia</i> sp.		ERV	CPD
FLACOURTIACEAE	<i>Banara parviflora</i> (Groy) Benth.	farinha-seca	AVM	MMS
FLACOURTIACEAE	<i>Casearia decandra</i> Jacq.	guaçatunga	AVT	MMS
FLACOURTIACEAE	<i>Casearia silvestris</i> Sw.	chá-de-bugre	AVB	MMS
FLACOURTIACEAE	<i>Xylosma pseudosalzmannii</i> Sleumer	sucará	AVM	MSX
GESNERIACEAE	<i>Sinningia</i> sp.	rainha-do-abismo	ERV	CPD
HYPOXIDACEAE	<i>Hypoxis</i> sp.		ERV	CPD
ICACINACEAE	<i>Citronella gongonha</i> (Mart.) Howard	congonha	AVT	MMS
IRIDACEAE	<i>Cypella</i> sp.	batatinha-purgativa	ERV	CPD
IRIDACEAE	<i>Herbetia pulchella</i> Sweet	bibi	ERV	CPD
IRIDACEAE	<i>Neomarica gracilis</i> Sprangue	bariricó	ERV	MHG
IRIDACEAE	<i>Sysirynchum</i> sp.	canchalágua	ERV	CPD
LAMIACEAE	<i>Glechon ciliata</i> Benth.	mangerona-do-campo	ERV	CPD
LAMIACEAE	<i>Hyptis</i> sp.		ERV	CPD
LAURACEAE	<i>Aiouea saligna</i> Meiss.	canela-fogo	AVM	MHG

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
LAURACEAE	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) Macbr.	canela-frade	AVT	MHG
LAURACEAE	<i>Nectandra megapotamica</i> (Spr.) Mez	canela-fedorenta	AVA	MHG
LAURACEAE	<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees	canela-ferrugem	AVA	MHG
LAURACEAE	<i>Ocotea catharinensis</i> Mez	canela-preta	AVM	MHG
LAURACEAE	<i>Ocotea puberula</i> Nees	canela-guaicá	AVA	MHG
LAURACEAE	<i>Ocotea pulchella</i> Mart.	canela-lageana	AVM	M
LILIACEAE	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jess.	aspargo-samambaia	TRP	RUD
LILIACEAE	<i>Nothoscordum</i> sp.		ERV	CPD
LOGANIACEAE	<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	esporão-de-galo	AVT	MMS
LORANTHACEAE	<i>Phoradendron</i> sp.	erva-de-passarinho	HEM	M
LORANTHACEAE	<i>Phrygilanthus acutifolius</i> (Ruiz et Pav.) Eichl.	erva-de-passarinho	HEM	M
LYTHRACEAE	<i>Cuphea</i> sp.	sete-sangrias-do-campo	ERV	CPD
LYTHRACEAE	<i>Heimia salicifolia</i> Link & Otto	erva-da-vida	ARB	CAP
MALPIGHIACEAE	<i>Janusia guaranítica</i> (St. Hil.) Juss.		TRP	CPD
MALVACEAE	<i>Abutilon malachroides</i> St. Hil.		SUBAr	CPD
MALVACEAE	<i>Abutilon molle</i> (Ort.) Sweet	abútilom	ARB	CAP
MALVACEAE	<i>Pavonia</i> cf. <i>hastata</i> Cav.		ERV,SUB	CPD
MALVACEAE	<i>Sida rhombifolia</i> L.	guanxuma	ERV	CAP
MALVACEAE	<i>Wissadula glechomatifolia</i> (St. Hil.) R. E. Fr.		ERV,SUB	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
MARANTHACEAE	<i>Marantha</i> sp.		ERV	MHG
MELASTOMATACEAE	<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn.	pixirica-peluda	ARB	CAP
MELASTOMATACEAE	<i>Miconia hyemalis</i> St.Hil & Naud.	pixirica	ARB	CAP
MELASTOMATACEAE	<i>Tibouchina gracilis</i> (Bonpl.) Cogn.	tibouchina-do-campo	ERV	CPD
MELIACEAE	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	cangerana	AVA	MHG
MELIACEAE	<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	cedro-vermelho	AVA	MHG
MELIACEAE	<i>Guarea macrophylla</i> Vahl.	pau-de-arco	AVB	MHG
MELIACEAE	<i>Trichilia clausenii</i> C.DC	catiguá, quebra-machado	AVM	MHG
MELIACEAE	<i>Trichilia elegans</i> A.Juss.	pau-de-ervilha	AVT	MHG
MIMOSACEAE	<i>Acacia mearnsii</i> Will.	acácia-negra	AVB	RUD
MIMOSACEAE	<i>Albizia austrobrasílica</i> Burk.	pau-gambá	AVT	M
MIMOSACEAE	<i>Calliandra tweediei</i> Benth.	topete-de-cardeal	AVT	MMS
MIMOSACEAE	<i>Desmanthus</i> sp.		ERV	CPD
MIMOSACEAE	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Mor.	timbaúva	AVA	MMS
MIMOSACEAE	<i>Inga affinis</i> DC.	ingá	AVM	MHG
MIMOSACEAE	<i>Inga semialata</i> (Vell.) Mart.	inga-feijão	AVB	MHG
MIMOSACEAE	<i>Inga uruguensis</i> Hook. & Arn.	ingá-de-beira-de-rio	AVM	M
MIMOSACEAE	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) O.K.	maricá	AVT	MSX,CAP
MIMOSACEAE	<i>Mimosa</i> cf. <i>cruenta</i> Benth.		SUB	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
MONIMIACEAE	<i>Mollinedia elegans</i> Tul.	pimenteira-do-mato	ARB	MHG
MORACEAE	<i>Ficus enormis</i> (Mart.ex Miq.) Miq.	figueirão	AVA	MHG
MORACEAE	<i>Ficus insipida</i> Willd.	figueira-purgante	AVA	MHG
MORACEAE	<i>Ficus organensis</i> (Miq.) Miq.	figueira-de-folha-miúda	AVA	M
MORACEAE	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	tajuva	AVM	MHG
MORACEAE	<i>Sorocea bonplandii</i> (Bail.) Burg.,Lanj. et Boer	cincho, sorococó	AVT	MHG
MYRSINACEAE	<i>Myrsine laetevirens</i> (Mez) Arech.	capororoca	AVB	M
MYRSINACEAE	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br.	capororoquina	AVM	M,CAP
MYRSINACEAE	<i>Myrsine lorentziana</i> (Mez) Arech.	capororoca	AVT	MMS
MYRSINACEAE	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	capororocão	AVM	M,CPD
MYRTACEAE	<i>Campomanesia aurea</i> Berg	araçá-do-campo	ARB	CPD
MYRTACEAE	<i>Campomanesia rhombea</i> Berg	guabiroba-crespa	AVB	MMS
MYRTACEAE	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> Berg	guabiroba	AVM	MMS
MYRTACEAE	<i>Eugenia bacopari</i> Legr.	guamirim-pimentão	AVT	MHG
MYRTACEAE	<i>Eugenia dimorpha</i> Berg	araçá-do-campo	SUB	CPD
MYRTACEAE	<i>Eugenia florida</i> DC.		AVB	M,MHG
MYRTACEAE	<i>Eugenia hiemalis</i> Camb.	guamirim	AVT	M
MYRTACEAE	<i>Eugenia ramboi</i> Legr.	batinga	AVM ?	MHG
MYRTACEAE	<i>Eugenia rostrifolia</i> Legr.	batinga	AVA	MMS

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
MYRTACEAE	<i>Eugenia schuechiana</i> Berg	guamirim-uvá	AVT	MHG
MYRTACEAE	<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira	AVT	MMS
MYRTACEAE	<i>Eugenia uruguayensis</i> Camb.	guamirim	AVT	M
MYRTACEAE	<i>Gomidesia palustris</i> (DC.) Kausel	guamirim	AVT	MSX
MYRTACEAE	<i>Hexachlamys edulis</i> (Berg) Kaus et Legr.	pessegueiro-do-campo	AVT	M
MYRTACEAE	<i>Myrcia glabra</i> (Berg) Legr.	guamirim-araçá	AVT	MMS
MYRTACEAE	<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.	cambui	AVT	MMS
MYRTACEAE	<i>Myrcianthes gigantea</i> (Legr.) Legr.	guamirim-araçá	AVB	MMS
MYRTACEAE	<i>Myrcianthes pungens</i> (Berg.) Legr.	guabiju	AVM	MMS
MYRTACEAE	<i>Myrciaria cuspidata</i> Berg	camboim	AVT	M
MYRTACEAE	<i>Myrrhinium atropurpureum</i> Schott	pau-ferro	AVT	MSX
MYRTACEAE	<i>Paramyrciaria delicatula</i> (DC.) Kausel	camboim	AVT	MSX
MYRTACEAE	<i>Psidium cattleianum</i> Sab.	araçá-amarelo	AVT	MSX
MYRTACEAE	<i>Psidium incanum</i> (Berg) Burr.	araçá-do-campo	SUB	CPD
MYRTACEAE	<i>Psidium luridum</i> (Spr.) Burr.	araçá-das-pedras	ARB	CPD
NYCTAGINACEAE	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	maria-mole	AVM	MMS
NYCTAGINACEAE	<i>Pisonia aculeata</i> L.	unha-de-tigre	AVP	MSX
ONAGRACEAE	<i>Oenothera</i> sp.	minuana	ERV	CPD
ORCHIDACEAE	<i>Aspydogyne kuczynskii</i> (Porsch) Garay (1)	orquídea		

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
ORCHIDACEAE	<i>Brassavola tuberculata</i> Hook. (1)	orquídea		
ORCHIDACEAE	<i>Campylocentrum aromaticum</i> Rodr.	orquídea		
ORCHIDACEAE	<i>Cattleya intermedia</i> Graham	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Cattleya leopoldi</i> Verchaff ex Lem. (1)	flor-de-natal	EPI	
ORCHIDACEAE	<i>Cyclopogon micranthus</i> (Barb. Rodr.) Pabst (1)	orquídea		
ORCHIDACEAE	<i>Epidendrum fulgens</i> Brongn.	orquídea-das-pedras	ERV	CPD
ORCHIDACEAE	<i>Habenaria</i> sp.	orquídea	ERV	CPD
ORCHIDACEAE	<i>Malaxis excavata</i> (Lindl.) Ktze. (1)	orquídea		
ORCHIDACEAE	<i>Mesadenela esmeraldae</i> (Lindl. et Rchb. f.) Pabst et Garay (1)	orquídea	ERV	M
ORCHIDACEAE	<i>Octomeria</i> sp. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Oncidium bifolium</i> Sims (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Oncidium ciliatum</i> Lindl. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Oncidium flexuosum</i> Sims. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Oncidium longipes</i> Lindl. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Oncidium pumilum</i> Lindl. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Pleurothallis aquinoi</i> Schltr. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Pleurothallis glumacea</i> Lindl. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Pleurothallis grobyi</i> Lindl. (1)	orquídea	EPI	M
ORCHIDACEAE	<i>Pleurothallis obovata</i> Lindl. (1)	orquídea	EPI	M

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
ORCHIDACEAE	<i>Polystachia estrellensis</i> Rchb. f. (1)	orquídea		
ORCHIDACEAE	<i>Sauroglossum nitidum</i> (Vell.) Schltr. (1)	orquídea		
ORCHIDACEAE	<i>Stelis</i> sp. (1)	orquídea		
OXALIDACEAE	<i>Oxalis</i> sp.1	trevo-azedinho	ERV	CPD
OXALIDACEAE	<i>Oxalis</i> sp.2	azedinho	ERV	CPD
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora alata</i> Dryan.	maracujá	TRP	RUD
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	TRP	M
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora elegans</i> Mast.	maracujá-do-mato	TRP	M
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora misera</i> H.B.K.	maracujá-do-mato	TRP	M
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora suberosa</i> L.	maracujá-mirim	TRP	M
PHYTOLACACEAE	<i>Phytolacca thyrsoflora</i> Fenz. ex Schmidt	caruru-bravo	ARB	CAP
PHYTOLACACEAE	<i>Phytolacca dioica</i> L.	umbu	AVA	MMS
PHYTOLACACEAE	<i>Seguiera parvifolia</i> Benth.	cipó-limoeiro-do-mato	AVP	MHG
PIPERACEAE	<i>Peperomia pereskiaefolia</i> (Jacq.) H.B.K.	peperômia	EPI,ERV	M
PIPERACEAE	<i>Peperomia</i> sp.		EPI	MHG
PIPERACEAE	<i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth	pariparoba	ARB	MHG
PLANTAGINACEAE	<i>Plantago</i> sp.	tanchagem	ERV	CPD
POACEAE	<i>Andropogon lateralis</i> Nees	capim-caninha	ERV	CPD
POACEAE	<i>Andropogon</i> sp.		ERV	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
POACEAE	<i>Aristida cf. pallens</i> Cav.	capim-barba-de-bode	ERV	CPD
POACEAE	<i>Aristida</i> sp.1	capim-barba-de-bode	ERV	CPD
POACEAE	<i>Aristida</i> sp.2	capim-barba-de-bode	ERV	CPD
POACEAE	<i>Axonopus</i> sp.1		ERV	CPD
POACEAE	<i>Axonopus</i> sp.2		ERV	CPD
POACEAE	<i>Chascolytrum cf. subaristatum</i> (Lam.) Desvaux		ERV	CPD
POACEAE	<i>Chloris</i> sp.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Chusquea</i> sp.	taquarinha, criciúma	ARB,SUB	M
POACEAE	<i>Eragrostis cf. neesii</i> Trinius		ERV	CPD
POACEAE	<i>Erianthus</i> sp.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Erianthus trinii</i> Hack.	macega-brava	ERV	CPD
POACEAE	<i>Melica</i> sp.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Merostachys</i> sp.	taquarinha	ERV	MHG
POACEAE	<i>Panicum cf. sabulorum</i> Lam.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Panicum</i> sp.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Paspalum notatum</i> Flueg		ERV	CPD
POACEAE	<i>Paspalum. plicatulum</i> Michx.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Paspalum urvillei</i> Steud.	capim-das-roças	ERV	CPD
POACEAE	<i>Piptochaetium montevidense</i> (Spreng.) Parodi	capim-pêlo-de-porco	ERV	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
POACEAE	<i>Setaria cf. vaginata</i> Spreng.		ERV	CPD
POACEAE	<i>Setaria geniculata</i> (Poir.) Pal. Beauv.	capim-rabo-de-raposa	ERV	CPD
POACEAE	<i>Sporobolus indicus</i> (L.) R. Brown		ERV	CPD
POACEAE	<i>Stipa</i> sp.1		ERV	CPD
POACEAE	<i>Stipa</i> sp.2	flexilha	ERV	CPD
POLEMONIACEAE	<i>Cobaea scandens</i> Cav.	estefânia, hera-do-México	TRP	RUD
POLYGALACEAE	<i>Monina cardiocarpa</i> St. Hil. et Moquin		ERV	CPD
POLYGALACEAE	<i>Polygala</i> sp.		ERV	CPD
PRIMULACEAE	<i>Anagallis arvensis</i> L.	bacuru-de-flores	ERV	RUD
PROTEACEAE	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotz.	carvalho-brasileiro	AVM	MHG
RHAMNACEAE	<i>Colubrina glandulosa</i> Perk.	sobraji	AVM	MHG
ROSACEAE	<i>Prunus sellowii</i> Koehne	pessegueiro-do-mato	AVM	MMS
ROSACEAE	<i>Quillaia brasiliensis</i> (St.H.& Tul.) Mart.	sabão-de-soldado	AVM	MSX
ROSACEAE	<i>Rubus urticifolius</i> Poir.	amora-do-mato	ABP	MHG
RUBIACEAE	cf. <i>Staelia thymoides</i> (Cham. et Schl.)		ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Chicocca alba</i> (L.) Hitch.	cainca	AVP	M
RUBIACEAE	<i>Chomelia obtusa</i> Cham. et Schl.	rasga-trapo	AVP	M
RUBIACEAE	<i>Coccocypselum</i> sp.	erva-de-lagarto	ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Faramea marginata</i> Cham.	café-do-mato	ARB	MMS

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
RUBIACEAE	<i>Guettarda uruguensis</i> Cham. & Schl.	veludo	AVT	MSX
RUBIACEAE	<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.	cafeeiro-do-mato	ARB	MMS
RUBIACEAE	<i>Psychotria leiocarpa</i> Cham. & Schl.	cafeeiro-do-mato	ARB	MHG
RUBIACEAE	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	limoeiro-do-mato	AVT	M
RUBIACEAE	<i>Relbunium</i> sp.1		ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Relbunium</i> sp.2		ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. et Schl.) Steud.		ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Richardia</i> sp.		ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Rudgea parquioides</i> (Cham.) M. Arg.	pimenteira	ARB	MHG
RUBIACEAE	<i>Spermacoce capitata</i> Ruiz et Pav.	poaia-botão	ERV	CPD
RUBIACEAE	<i>Spermacoce fastigiata</i>	sabugueiro-do-campo	ERV	CPD
RUTACEAE	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	pau-de-cutia	AVT	MHG
RUTACEAE	<i>Zanthoxylum hyemalis</i> Lam.	mamica-de-cadela	AVB	MMS
RUTACEAE	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	mamica-de-cadela	AVM	MMS
SAPINDACEAE	<i>Allophylus edulis</i> (St.Hil.) Radlk.	chal-chal	AVB	MMS
SAPINDACEAE	<i>Cupania vernalis</i> Camb.	camboatá	AVM	MMS
SAPINDACEAE	<i>Dodonaea viscosa</i> (L.) Jacq.	vassoura-vermelha	AVT	CAP
SAPINDACEAE	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	camboatá-branco	AVM	MMS
SAPOTACEAE	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart & Echl.) Engl.	aguai-guaçu	AVM	MMS

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
SAPOTACEAE	<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.	aguai-mirim	AVT	MMS
SAPOTACEAE	<i>Syderoxylum obtusifolium</i> (Roem. & Sch.) Penn.	coronilha	AVM	MMS
SCROPHULARIACEAE	<i>Angelonia integerrima</i> Spreng.	caracol-do-campo	ERV	CPD
SCROPHULARIACEAE	<i>Buchnera cf. integrifolia</i> Larrañaga		ERV	CPD
SCROPHULARIACEAE	<i>Castilleja arvensis</i> Cham. et Schl.	canguçu-do-campo	ERV	CPD
SCROPHULARIACEAE	<i>Gerardia communis</i> Cham. et Schl.		ERV	CPD
SCROPHULARIACEAE	<i>Scoparia ericacea</i> Cham. et Schl.		ERV	CPD
SMILACACEAE	<i>Smilax campestris</i> Griseb.	salsa-parrilha	TRP	MSX
SOLANACEAE	<i>Cestrum calycinum</i> Willd.	coerana	ARB	MMS
SOLANACEAE	<i>Cestrum corymbosum</i> Schl.	coerana amarela	ARB	CAP
SOLANACEAE	<i>Petunia integrifolia</i> (Hook.) Schinz et Thellung	petúnia	ERV	CPD
SOLANACEAE	<i>Petunia</i> sp.	petúnia	ERV	CPD
SOLANACEAE	<i>Solanum americanum</i> Mill.	erva-moura	ERV	CPD
SOLANACEAE	<i>Solanum cf. arenarium</i> Sendtn.		ARB	MMS
SOLANACEAE	<i>Solanum guaraniticum</i> St. Hil.	jurubeba	ARB	CAP
SOLANACEAE	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	fumo-bravo	AVT	CAP
SOLANACEAE	<i>Solanum pseudoquina</i> St. Hil.	canema	AVT	CAP
SOLANACEAE	<i>Solanum sanctaecatharinae</i> Dunal	canema	AVT	MMS
SOLANACEAE	<i>Vassobia brevifolia</i> Sendtn.	esporão-de-galo	AVT	CAP

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
STERCULIACEAE	<i>Waltheria douradinha</i> St. Hil.	douradinha-do-campo	ERV	CPD
STYRACACEAE	<i>Styrax leprosum</i> Hook. & Arn.	carne-de-vaca	AVB	MSX
SYMPLOCACEAE	<i>Symplocos celastrinea</i> Mart. ex Miq.	sete-sangrias	AVT	MMS
SYMPLOCACEAE	<i>Symplocos uniflora</i> (Pohl.) Benth.	sete-sangrias	AVT	MMS
THYMELAEACEAE	<i>Daphnopsis racemosa</i> Griseb.	embira	AVT,ARB	MSX
TILIACEAE	<i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	açoita-cavalo	AVA	MMS
TILIACEAE	<i>Triumfetta semitriloba</i> L.	carrapicho	ARB	CAP
TROPAEOLACEAE	<i>Tropaeolum majus</i> L.	capuchinho	ERV	RUD
TURNERACEAE	<i>Turnera</i> sp.		ERV	CPD
ULMACEAE	<i>Celtis</i> sp.	taleira	AVP	MMS
ULMACEAE	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume.	grindiúva, grandiúva	ARB	CAP
URTICACEAE	<i>Urera nitida</i> (L.) Brack	urtigão	ARB	MHG
VERBENACEAE	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	gaioleira	AVT	MHG
VERBENACEAE	<i>Citharexylum montevidense</i> (Spreng.) Mold.	tarumã-de-espinho	AVM	MMS
VERBENACEAE	<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.	tarumã-branco, tucaneira	AVM	MHG
VERBENACEAE	<i>Glandularia</i> sp.	glandulária	ERV	CPD
VERBENACEAE	<i>Lantana camara</i> L.	camaradinha	ARB	CAP
VERBENACEAE	<i>Lantana montevidensis</i> (Spreng.) Briq.		ERV	CPD
VERBENACEAE	<i>Lippia</i> sp.		ERV	CPD

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HÁBITO	VEGETAÇÃO
VERBENACEAE	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (L.Rich.) Vahl.	gervão	ARB	CAP
VERBENACEAE	<i>Verbena</i> cf. <i>lindmanii</i> Briq.	verbena	ERV	CPD
VERBENACEAE	<i>Verbena pseudojuncea</i> Clos.	verbena	ERV	CPD
VERBENACEAE	<i>Verbena rigida</i> Spreng.	verbena	ERV	CPD
VERBENACEAE	<i>Verbena</i> sp.	verbena	ERV	CPD
VERBENACEAE	<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Mold.	tarumã-preto	AVM	MMS
VITACEAE	<i>Cissus striata</i> Ruiz et Pav.	anil-trepador	TRP	MMS
ZINGIBERACEAE	<i>Hedychium coronarium</i> Koen.	lírio-do-brejo	ERV	RUD

Legenda

Hábito

ERV = erva
SUB = subarbusto
ARB = arbusto
ABP = arbusto apoiante
AVT = arvoreta
AVB = árvore baixa
AVM = árvore média
AVA = árvore alta
AVP = árvore apoiante
EPI = epífita
HEM = hemiparasita
RUP = rupícula
TRP = trepadeira

Vegetação

CAP = capoeira, vassoural
CPD = campo pedregoso
M = mata sem diferenciação de categoria
MHG = mata higrófila
MMS = mata mesófila
MSX = mata subxerófila
RUD = ruderal

Observação

(1) refere-se a citações de espécies para o Morro do Osso retiradas de :
POTTER, K., BACKES, A. Orquídeas nativas dos morros graníticos da grande
Porto Alegre. **Comunic. Mus. Ci. PUCRS**, Sér. Bot., n.38, p. 129-138, 1985.